



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CINEMA E AUDIOVISUAL

BÁRBARA CABEÇA RANGEL

ESCONDERIJO DOS GIGANTES

FORTALEZA
2017

BÁRBARA CABEÇA RANGEL

ESCONDERIJO DOS GIGANTES

Memorial descritivo apresentado ao Curso de Cinema e Audiovisual do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Prof. Me. Diego Hoefel

FORTALEZA
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R154e Rangel, Bárbara Cabeça.

Esconderijo dos gigantes / Bárbara Cabeça Rangel. – 2017.
132 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Cinema e Audiovisual, Fortaleza, 2017.

Orientação: Prof. Me. Diego Hoefel.

1. Roteiro. 2. Adaptação. 3. Animação. I. Título.

CDD 791.4

BÁRBARA CABEÇA RANGEL

ESCONDERIJO DOS GIGANTES

Memorial descritivo apresentado ao Curso de Cinema e Audiovisual do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Cinema e Audiovisual.

FORTALEZA,

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Diego Hoefel
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Beatriz Furtado
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Daniela Dumaesq
Universidade Federal do Ceará

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente Rob, Driks, Gabi e Su, pelo suporte e pelo amor.

Ao Petrus de Bairros, pelo cuidado e pela parceria.

À Inquieta CIA., pelo compartilhamento de universos.

Ao meu orientador e à banca, pela generosidade.

À Casa Zelva, pela loucura.

RESUMO

O presente memorial descreve o processo criativo da adaptação de uma peça teatral para um roteiro de animação infantil. Ele busca descrever suas etapas e como elas dialogam e se complementam. Inicia-se com a concepção das personagens, passando pela idealização dos cenários e finalizando com a construção da estrutura narrativa. Cada tópico aborda questões de ambas diferentes linguagens, teatro e cinema de animação, durante o processo de uma adaptação.

Palavras-chave: Roteiro. Adaptação. Animação.

ABSTRACT

The memorial to be presented describes the creative process of a theatrical play's adaptation into a script for children animation. It intends to describe its steps and how they dialog and complement themselves. Begins with the conception of the characters, goes through the idealization of the scenarios and concludes with the construction of the narrative structure used. Each topic approaches issues of both different speeches – theatre and animation cinema - throughout the process of an adaptation.

Keywords: Script. Adaptation. Animation cinema.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Esconderijo dos Gigantes 1	7
Fotografia 2 - Esconderijo dos Gigantes 3	9
Figura 1 - Hanabi	10
Desenho 1 - Hanabi	11
Fotografia 3 - Bonjongo	13
Desenho 2 - Bonjongo	15
Desenho 3 - Bonjongo enquanto garoto	16
Desenho 4 - Tupa	17
Desenho 5 - Quingu	18
Desenho 6 - Anciãos	19
Fotografia 4 - Esconderijo dos Gigantes	21
Desenho 7 - Vila do Passado	23
Desenho 8 - Vila do Presente - Detalhe da Tenda	24
Desenho 9 - Vila do Presente	25
Desenho 10 - Segundo Patamar da Montanha Invertida	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	SINOPSE DO FILME	8
2	PERSONAGENS	9
2.1	HANABI	10
2.2	BONJONGO	13
2.3	TUPA	16
2.4	QUINGU	17
2.5	ANCIÃOS	19
3	CENÁRIOS E LOCAÇÕES	21
3.1	VILA DO PASSADO	22
3.2	VILA DO PRESENTE	24
3.3	VILA DO FUTURO	28
4	NARRATIVA	29
4.1	NARRATIVA COMO BOLSA	29
4.2	SUBTRAMA DOS SONHOS	30
4.3	ESTRUTURA	31
4.4	TOM	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	39
	ANEXO A	40

1 INTRODUÇÃO

Esconderijo dos Gigantes é uma peça teatral cearense, realizada pela Inquieta CIA e composta por Andrei Bessa, na direção geral, e os atores Andreia Pires e Gyl Giffony, nos papéis de Hanabi e Bonjongo, respectivamente. Pensando em espectadores na fase da infância, o espetáculo alimenta sua dramaturgia a partir do encontro entre os dois personagens. Buscando tratar o preconceito e o choque cultural durante a montagem. A trama narra a história de Hanabi, uma garota que vive em uma tribo onde a grandeza física é muito valorizada. Tudo o que Hanabi quer é ser gigante. Durante um de seus treinamentos para crescer, Bonjongo surge. Impressionada pela grandeza física de Bonjongo, Hanabi o rodeia com perguntas, curiosidades e vontades.

O trabalho de conclusão de curso aqui proposto origina-se da peça em questão e desenvolve uma adaptação para longa-metragem de animação, também concebida para crianças. A partir do universo apresentado no espetáculo e das questões levantadas por ele, o trabalho pensa as potências narrativas da dramaturgia fantástica de uma linguagem teatral contemporânea e independente tecida pelas tentativas de compreensão entre duas personagens que vivem de maneiras destoantes.

Fotografia 1 - Esconderijo dos Gigantes 1



Fonte: Fotografia de divulgação do espetáculo por Igor Cavalcante

1.1 SINOPSE DO FILME

Hanabi é uma garota de 13 anos que vive na Vila do Presente, lugar árido e de difícil sobrevivência, em que a grandeza física é muito desejada e valorizada. Ela e os amigos Quingu e Tupa treinam todos os dias para virar gigantes. Assim, acreditam que poderão viver em “Lá”, na Vila do Futuro, localizada no topo de uma imensa Montanha Invertida. “Lá” é muito verde, em contraste com o lugar onde vivem, portanto, eles fantasiam todos os dias com quão maravilhoso deve ser viver nessa vila.

Durante uma noite, um misterioso viajante chega à Vila do Presente. Ele é Bonjongo, um gigante que carrega um universo de coisas no corpo, mas que não fala a língua local. Todos os aldeões se encantam tão rápido com o tamanho de Bonjongo, quanto tão rápido se decepcionam com ele, já que não conseguem entendê-lo. Com exceção de Hanabi.

A garota ajuda, se preocupa com o gigante e insiste em gerar uma comunicação com ele, tudo isso sendo regido por uma esperança em acreditar que ele a fará gigante. Nisso, ela tem sérios desentendimentos com os amigos Tupa e Quingu. Cada um, se afasta e reage de forma diferente. Enquanto Quingu, mesmo distante, mantém-se atenta à amiga, Tupa apenas se revela invejoso e controlador.

Quando um precisa do outro, Hanabi e Bonjongo começam a se entender. Ambos percebem que suas impressões e preconceitos se desmancham e modificam conforme se conhecem. Ao tentar saber mais sobre Bonjongo, Hanabi sonha com lugares distantes e incríveis. Ela descobre novos desejos e formas de viver. Bonjongo sente a leveza de tirar o peso das costas ao conseguir ter um primeiro laço forte com o outro. A partir da troca cultural, há a primeira parada da jornada dele e o primeiro passo da jornada dela.

2 PERSONAGENS

Fotografia 2 - Esconderijo dos Gigantes 3



Fonte: Registro da peça por Sol Coêlho

Iniciei o processo de adaptação questionando sobre quem são Hanabi e Bonjongo para mim. O espetáculo deixa a cargo do espectador certas definições físicas dos personagens. Isso porque a montagem teatral trabalha com suas limitações de uma maneira muito interessante. Ao invés de apelar a grandiosidade de Bonjongo para o material, que demandaria muitos recursos, há uma investigação nos corpos dos atores e em suas falas. Conseguimos entender Bonjongo como um ser gigante, mesmo que fisicamente ele possua a mesma altura que Hanabi. Para além do tamanho, as possibilidades para criar a natureza dessas personagens são variadas. Tanto enquanto assistimos a peça, quanto adaptando para um filme de animação, o material de inspiração que a peça apresenta sobre esses personagens é imaginativamente rico.

Pensar em um filme de longa metragem também demandou a criação de um elenco secundário, novos personagens além de Bonjongo e Hanabi. Pois, por mais que o filme busque tecer uma narrativa a partir do encontro entre esses dois personagens, um contraponto a eles me pareceu importante para a ambientação do universo se fortalecer em outras relações que não apenas as dos protagonistas. Assim, outras questões da realidade dessa diegese se

aprofundam. Por exemplo, a forte rivalidade e a cobrança que há na Vila surgem também a partir desses novos personagens, fazendo com que a motivação de Hanabi seja mais real e necessária do que ambiciosa. Outro ponto foi a necessidade de se complexificar a estrutura dramática. Ela poderia ser composta por tramas secundárias que permeiam esses personagens secundários e suas relações com os protagonistas, impulsionando assim a trama principal.

2.1 HANABI

Figura 1 - Hanabi



Fonte: registro da peça por Fernando Maia da Cunha

A personagem de Andreia Pires, Hanabi, vive um cotidiano de treinos em uma vila onde a maior ambição é ser gigante. Mesmo Andreia sendo uma mulher adulta, a personagem remete a uma criança pela maneira como brinca com o espaço, por seu entusiasmo e energia, por ser falante e questionadora, sempre tentando saciar suas curiosidades.

Na peça, Hanabi encontra Bonjongo e se interessa muito pela grandeza dele. Conforme eles se conhecem melhor, ela começa a questionar a realidade em que vive e os fundamentos que sustentavam a vida dela. Então, inspirada pelas trocas que ocorrem entre os dois, Hanabi

resolve reinventar e redescobrir esse lugar aonde ela quer chegar. Ela se torna um ser viajante, juntamente com Bonjongo.

Desenho 1 - Hanabi



Fonte: obra original de Daniel Chastinet

Conceber a Hanabi para o longa-metragem demandou, primeiramente, uma escolha acerca de suas características físicas. Como explicado anteriormente, há no espetáculo uma potência libertadora para a interpretação sobre a natureza física dessas personagens. Apesar dessa liberdade ser um material muito interessante para a animação, podendo se intensificar pelas infinidade de formas, traços e criaturas, eu já me encontrava contaminada pela imagem da atriz Andreia Pires e a sua criança falante e enérgica. Hanabi se tornou uma adolescente de 13 anos, que, como a atriz, é muito habilidosa e elástica, conseguindo se locomover com agilidade devido à sua fixação pelo treinamento. Os traços de Hanabi foram inspirados em Andreia, que possui ascendência indígena e usa roupas confortáveis feitas para uma pessoa que está sempre movimentando o corpo. Ela também possui o rosto pintado em linhas horizontais, que são adquiridas à medida em que se torna mais alta.

Alguns resquícios das relações entre Hanabi e sua vila são dados pela maneira que a

personagem vive e fala sobre sua história. Porém, dentro do longa-metragem, tornaram-se essenciais definições mais concretas sobre esse lugar e seus habitantes. Hanabi é uma típica garota de sua tribo, que vive apenas treinando "hipnotizada" por esse imaginário coletivo que vê a grandeza física como objetivo para uma vida melhor. Contudo, ela encara essa conquista de alcançar "Lá" como uma aventura a ser vivida. Então, é uma personagem movida pela sede de aventura, de descobrir um outro lugar e que seja diferente de tudo aquilo que conhece. Hanabi se tornou, portanto, uma personagem com surtos de narcolepsia. Ela vive caindo em um sono profundo no qual sonha com esse possível "Lá".

Quando ela conhece Bonjongo, esses momentos de narcolepsia se intensificam e nós, espectadores, acompanhamos os sonhos de Hanabi. Bonjongo alimenta a imaginação dela - que já é bastante fértil - de uma maneira que a faz transcender. A garota não deseja saber apenas sobre o futuro, "o amanhã que ainda não chegou". Ela passa a imaginar o passado de Bonjongo, e isso faz Hanabi fantasiar com novos lugares. Esse frescor de ideias intensifica a vontade dela em treinar com Bonjongo. Mesmo que haja resistência por parte dele, e uma ansiedade impaciente por parte dela, Hanabi cria um laço a partir de uma relação horizontal fortalecida por trocas. Ela oferece alguns possíveis recursos que o viajante precisa, enquanto insiste que ele a treine.

Mesmo possuindo uma mente mais aberta em relação aos outros jovens - principalmente quando esse desejo em decifrar o passado de Bonjongo domina seus pensamentos e acarreta novas perspectivas de realidade e uma vontade contida por elas - Hanabi é muito apegada pelas tradições e crenças de seu povo. Isso reflete, primeiramente, nos sentimentos que ela guarda pela Vila do Passado, onde vivem seus parentes ancestrais. Ela se esconde em vergonha e negação quando as situações se referem a eles. Isso tudo baseado em puro preconceito enraizado. Tupa, o personagem antagonista, tenta algumas vezes diminuir Hanabi e Quingu, sua melhor amiga, frisando a inocência que ambas possuem por acreditarem demais em lendas. Porém, isso é um dos encorajadores para que Hanabi acredite tanto em Bonjongo, já que há uma lenda sobre gigantes que viveram em "Lá", na Vila do Futuro, e voltaram à Vila do Passado para treinar novos aldeões.

Hanabi também é muito apegada à sua melhor amiga Quingu. Elas possuem uma forte parceria e cumplicidade. Porém, a relação delas sofre uma crise durante o filme e isso intensifica a necessidade de Hanabi se agarrar a Bonjongo, como um ponto de virada narrativo. Ela e Quingu são apresentadas em um dia normal, no qual já seguem a rotina que o espaço lhes estabelece. Porém, durante uma brincadeira em que as duas fantasiavam o treinamento de um gigante de verdade, Hanabi dorme inesperadamente. Quingu desanima e então, Tupa se aproveita da situação para separar as duas amigas. Essa separação causa em

Hanabi um forte desequilíbrio. Ela se vê sozinha e engolida pelo clima de rivalidade que há na vila. Bonjongo aparece re-iluminando o caminho para ela, talvez como seu ultimo recurso.

2.2 BONJONGO

Fotografia 3 - Bonjongo



Fonte: Registro da peça por Fernando Maia da Cunha

O primeiro ponto construindo o personagem de Bonjongo para o filme tratou-se do choque cultural entre ele e Hanabi. Eles são seres completamente diferentes com traços culturais destoantes. Sendo assim, apostei na dificuldade de comunicação entre eles, já que acho essa uma questão muito interessante que é pouco explorada em filmes infantis. Muitos deles, que possuem a trama desenvolvida pelo encontro entre personagens de civilizações diferentes, ignoram essa barreira. Quase sempre, a comunicação acontece de um modo simples e natural, com uma fácil compreensão entre ambas as partes.

Para o filme *Esconderijo dos Gigantes*, o problema de comunicação seria um dos principais planos narrativos a ser explorado. Bonjongo se tornou um personagem calado, misterioso, e com uma personalidade observadora que não oferece muitas pistas sobre sua origem. Todas as

informações que o espectador possui sobre ele seriam dadas por Hanabi, através de suas impressões e experiências com ele. Mas, então, surge uma questão: se eles não possuem um diálogo transparente, não se comunicam através de falas, e o comportamento de cada um é de difícil compreensão para o outro, de onde viriam as opiniões e descobertas de Hanabi acerca do gigante? Hanabi precisava de algo para se basear, como pistas que a ajudassem a desvendar esse outro.

Esse ponto transcendeu a segunda questão acerca de Bonjongo. Como é a sua forma física? Bonjongo é humano? Sabemos que Bonjongo é um ser gigante, e é isso que desperta em Hanabi o desejo de aprofundar seu contato com ele. Mas, diante de uma narrativa que aposta no poder da transformação, na ampliação de pontos de vista a partir da experiência, a altura de Bonjongo não poderia ser exatamente aquilo que Hanabi quer. O filme não existe para realizar literalmente o sonho dela, mas sim para oferecer a ela outras possibilidades de trajetória.

Então a estatura alta de Bonjongo é apenas uma ilusão. É uma falsa ideia de "meta alcançada". Bonjongo não é gigante pois treinou olhando sempre para cima. Bonjongo se construiu gigante pela sua característica nômade, particularidade oposta à de Hanabi, que está enraizada em um lugar específico. Bonjongo é formado por todos os lugares por onde esteve, carregando consigo um objeto de cada local. "Minha mochila virou minha casa" como é dito por Gyl Giffony durante a interpretação da peça. No filme, o corpo de Bonjongo virou sua casa e no meio de todas essas estruturas gigantesca, há um garoto. Frágil e miúdo como Hanabi.

Assim, Bonjongo foi concretizado como um misterioso jovem de 16 anos, que viaja sem rumo desde criança. Então, apesar de ser um humano comum, ele se apresenta como uma estranha criatura de quase 4 metros de altura. Essa grandeza física é resultado de suas viagens, as quais lhe renderam objetos e memórias que foram sendo atrelados ao seu corpo. Nessa forma, ele é visto sobre longas pernas feitas com uma estrutura metálica, uma grande máscara de cerâmica que cobre sua cabeça e esses diversos objetos e adereços pendurados por todo o corpo. Todo coberto de lodo, ferrugem e poeira, esse corpo exterior de Bonjongo é frequentemente confundido como sua forma natural. Entretanto, quando ele deixa tudo isso para trás, vê-se que é um adolescente de 16 anos com estatura mediana, corpo esguio, pele amarelada e uma cabeleira loira desgrenhada.

Desenho 2 - Bonjongo

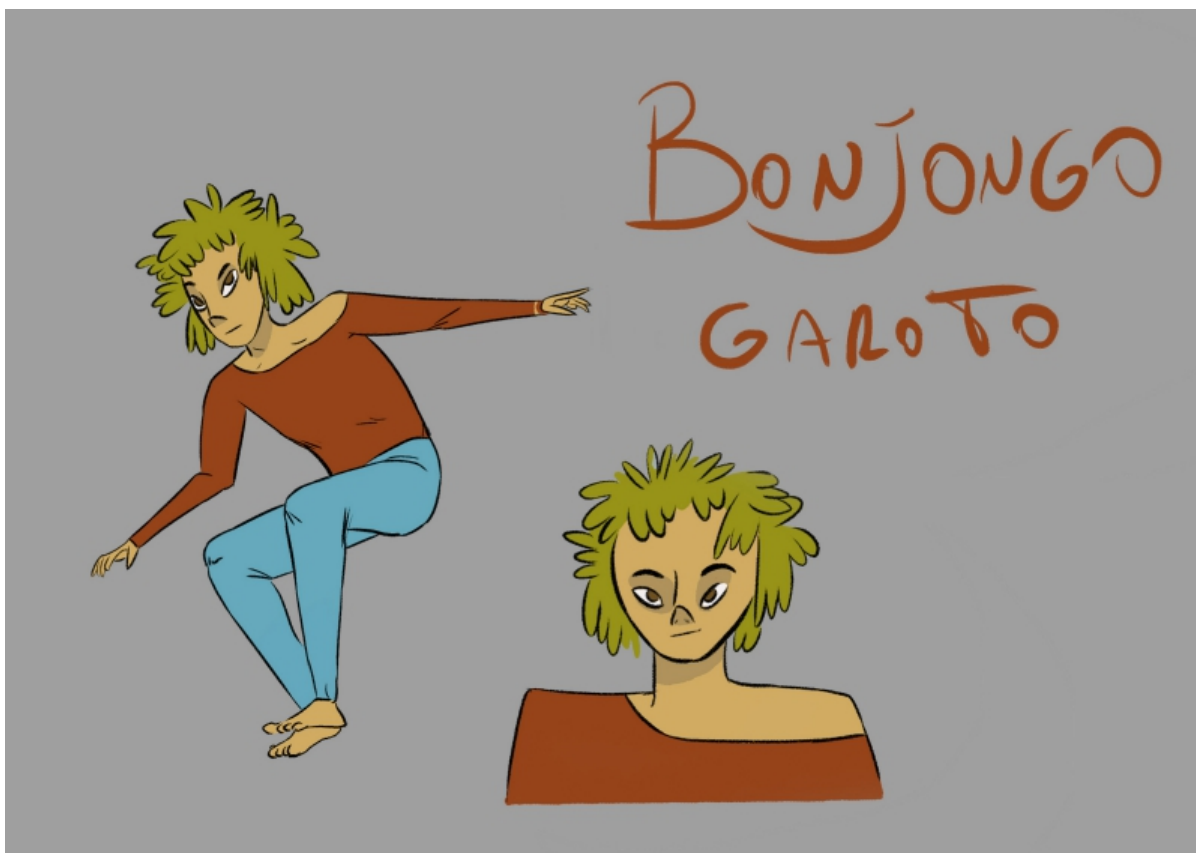


Fonte: obra original de Daniel Chastinet

Muito do que se constrói em *Esconderijo dos Gigantes* sobre seu possível passado vem, portanto, das visões e sonhos que Hanabi tem a partir desses objetos que ele carrega. Pode-se conjecturar que Bonjongo sofreu alguma perda, que seu lar não existe mais, é um exilado ou refugiado. A verdade é que, chegando na Vila de Hanabi, a relação dele com o mundo sofre uma mudança e, pela primeira vez em todo o seu trajeto, ele considera a possibilidade de permanecer ao invés de partir.

Inicialmente Bonjongo, se impressiona com a ágil e falante Hanabi e, aos poucos, os dois vão desenvolvendo uma relação de admiração mútua, ainda que carregada de muita incompreensão em alguns momentos. Ao deixar-se afetar pela diferença, agora representada por Hanabi, Bonjongo passa a se sentir responsável por ela. Em alguma medida, cresce nele um sentimento de pertencimento e solidariedade que se consolida muito pela amizade com Hanabi. A recepção dos outros habitantes da Vila do Presente é menos amigável: Quingu o vê com uma desconfiança tímida, já Tupa o encara como uma ameaça, um rival que fere seu orgulho e faz todo o seu treinamento parecer sem sentido.

Desenho 3 - Bonjongo enquanto garoto



Fonte: obra original de Daniel Chastinet

2.3 TUPA

Tupa é um garoto de 13 anos da Vila do Presente. Foi concebido para ser o antagonista do filme. Ele não é um personagem a ser enfrentado ou combatido, sua presença funciona mais como a de um amigo de Hanabi, mas que está constantemente sabotando-a, atrapalhando seus planos. Focado e ambicioso, ele vê na ideia de se tornar gigante uma oportunidade de ser reconhecido e alcançar uma posição social de destaque entre os moradores da Vila. Para alcançar seu objetivo, ele se dedica como poucos. Tupa tende a justificar suas ações traiçoeiras como uma preocupação pelo bem de todos, mas é, na verdade, muito movido por um espírito competitivo e controlador.

Sendo assim, a forma de Tupa demonstrar seu afeto por suas amigas Quingu e Hanabi é um tanto tortuosa. Ele acredita saber o que é melhor para todos ao seu redor, mas, isso é apenas uma forma de controlar as situações. A presença de Bonjongo, por exemplo, é perturbadora

para Tupa, que se demonstra muito cético à crença de que os gigantes podem treinar os outros aldeões. Então, ele enxerga Bonjongo como um grande rival que surge para contradizê-lo, e também um gigante que não é nada além de alguém que alcançou o que ele deseja ser, mas não o fez pelos métodos certos. Quando Hanabi se aproxima de Bonjongo, Tupa sente que algo ultrapassa o limite do seu controle e se sente intimidado. Então, passa a lidar com uma preocupação obsessiva em relação às ações de Hanabi e se junta à Quingu em uma desconfiança e difamação preconceituosa em cima de Bonjongo.

Desenho 4 - Tupa



Fonte: obra original de Daniel Chastinet

Apesar de tudo, Tupa ainda é amigo de Hanabi. Ela ainda preza e se preocupa com ele. Quando decide partir, ela tenta compartilhar um pouco de sua experiência dando a máscara de Bonjongo para ele. Mesmo depois de todos os acontecimentos e conversas conflituosas, Tupa percebe que sua rivalidade nunca foi correspondida e que não passava apenas de uma insegurança. Tupa respeita as escolhas de Hanabi e se despede com admiração.

2.4 QUINGU

Desenho 5 - Quingu



Fonte: obra original de Daniel Chastinet

Quingu surge como a melhor amiga de Hanabi, sua parceira de treino e um forte pilar emocional para a protagonista. É uma jovem de 13 anos que também vive na Vila do Presente e treina para se tornar gigante. Quingu é sentimental e tímida, mas sua habilidade física não fica muito para trás em comparação à da amiga ou à de Tupa. Entretanto, diferente deles, sua vontade de “gigantuar” - a maneira como as personagens nomeiam o ato de se tornar gigante - é muito mais motivada pela insegurança que ela sente em relação ao futuro do que por curiosidade ou ambição. Ela se agarra à promessa de sobrevivência que a Vila do Futuro pode oferecer à ela e seus companheiros, diante da aridez do ambiente em que vivem.

Quingu é uma personagem muito importante para Hanabi. Como dito anteriormente, o momento em que ela se distancia de Hanabi é um grande ponto de virada do filme. Então, Quingu passa a acompanhar a amiga de longe, temendo pelas transformações que o estranho

ser, Bonjongo, pode causar ao cotidiano do lugar. Ao mesmo tempo, ela não tem a menor ideia de como reaproximar-se e convencer Hanabi a se afastar dele. Quingu se aproxima de Tupa durante essa separação, e sua desconfiança de Bonjongo faz com que ela precise de Tupa quase como um aliado. Porém, à medida em que Hanabi vai aprofundando sua relação com o forasteiro e descobrindo seus segredos, Quingu se reaproxima e também começa a ser transformada pelas novas experiências dela. No fim, elas decidem viajar juntas.

2.5 ANCIÃOS

Desenho 6 - Anciãos



Fonte: obra original de Daniel Chastinet

Os Anciãos surgem como o povo que mora na Vila do Passado, consequentemente são responsáveis pela ambientação do local. Eles são, em sua grande maioria, idosos. Seus traços e roupas se assemelham aos dos aldeões da Vila do Presente, como se fossem uma versão antiga e desbotada desses jovens. Não se sabe muito sobre seus costumes e cotidiano dentro da subestimada Vila do Passado. Eles vivem com os restos descartados e deixados para trás que caem do Segundo Patamar da Montanha. Um exemplo disso, foram os objetos de

Bonjongo jogados na lagoa. Os anciãos se apropriam deles e os transformam em uma coisa diferente, com uma nova função.

Eles são o passado vivo dos moradores da Vila do Presente, mas são menosprezados por seus descendentes. Hanabi talvez seja a primeira que consegue mudar completamente sua relação com eles. Quando visita a Vila com Bonjongo, ela percebe que são pessoas amáveis, que vivem felizes com muito pouco, sabendo se adaptar com o que têm e, assim, cuidam com carinho deles mesmos. A partir do momento em que Hanabi consegue mudar sua opinião e sentimento pelos anciãos, há um ponto de virada essencial para a transformação da personagem. Ela se sente preparada para partir.

3 CENÁRIOS E LOCAÇÕES

Fotografia 4 - Esconderijo dos Gigantes



Fonte: registro da peça por Sol Coelho

Na adaptação de uma peça de teatro para um longa-metragem de animação, um grande desafio permeia o pensamento do espaço. O espetáculo de inspiração utiliza o cenário como um território livre a ser imaginado e explorado pelo espectador. O fundo é negro, infinito e limitador -infinito pela falta de limites que há enquanto escuridão profunda, mas limitador por definir uma barreira física no espaço-, e não há objetos que simbolizem as características desse espaço. Sua geografia é criada a partir dos diálogos mirabolantes e descritivos que surgem entre as personagens, e não há uma caracterização direta, Hanabi e Bonjongo sugerem um espaço por meio das indicações das ações e dos trajetos; Hanabi, por exemplo, explica como se movimentar pelo lugar para pegar água. A sua geografia se torna incalculavelmente variada dentro de cada cena e também para cada espectador em si.

No mesmo dia em que assisti à peça, a vontade de criar o projeto de animação nasceu. Eu me senti contaminada principalmente por essa possibilidade geográfica. E como o processo criativo de um filme narrativo de animação pede uma definição espacial que parte de um vazio ilimitado (o papel em branco), a linguagem possibilita a mesma liberdade imaginativa.

Esses cenários podem ser qualquer coisa no universo da animação, inclusive, o próprio fundo negro e infinito.

Mas, a vontade era de definir esse lugar, de criar para ele um corpo material através do desenho. Não havia um interesse em uma animação experimental, que reproduzisse a mesma relação obra e espectador que o espetáculo propunha com suas paisagens compostas pela subjetividade diante das falas. Isso porque meu interesse na linguagem cinematográfica está em uma potência audiovisual que não se sustenta apenas pela fala. Essa mudança de linguagem traz outras possibilidades de explorar a subjetividade imaginativa, outros terrenos férteis aparecem, como a própria linha narrativa. E a aposta do projeto tendia a isso.

Portanto com essa escolha definida sobre a natureza cenográfica, passei a questionar quais eram as características desse universo. E essa construção surgia das personagens e de tudo que elas traziam com seus desejos, medos e vivências.

3.1 VILA DO PASSADO

Durante o espetáculo, a Vila do Passado aparece apenas quando Hanabi conta sua história:

"A primeira Vila é de quando a mãe do pai da minha avó ainda era pequena. Um dia um homem teve um sonho. Desses sonhos que falam do amanhã. Ele sonhou que a tristeza estava vindo com o vento. Para fugir do vento, nosso povo construiu uma vila lá embaixo. Quando todos estavam comemorando, o vento entrou na festa e trouxe a tristeza. De tanto todos chorarem a vila ficou inundada e virou lagoa. Nossos antigos ainda estão lá. Vivendo nossa vila debaixo d'água. Tudo que ninguém mais quer, joga na lagoa. Ela passou a guardar o que não é para guardar. Sempre que alguém morre, passa a viver na lagoa. Ninguém nunca saiu daqui, todo mundo quer viver na lagoa um dia." (fala de Hanabi na peça "Esconderijo dos Gigantes")

Portanto, a relação que existe entre a personagem e esse lugar é dúbia. Ela aparece como uma camada da história de Hanabi, um plano de fundo que explica alguns traços da cultura de seu povo. A Vila do Passado sofreu uma inundação que acarretou esse caráter migratório e passivo, um sentimento coletivo impregnado pela espera de um lugar, de uma Vila do amanhã.

A partir disso, a decadência da Vila do Passado é uma das motivações principais desse objetivo de se tornar gigante. Ela se tornou um lugar de descarte, onde os antigos ainda vivem, quase como uma memória. Assim sendo, sua configuração geográfica se fez como algo que sobrevive com o resto, com as sobras de outros lugares e pessoas. E com essa forte

propriedade transformadora, a Vila se constitui adaptando-se à inundação. Aquilo que era a cidade virou uma lagoa, portanto agora, as casas são construídas em palafitas e a população transita por ela através de canoas e plataformas de madeira.

Atentei-me a pensar também como essa natureza de local de descarte e sobras poderia ocorrer. Juntamente ao imaginário coletivo de ir sempre pra cima, surgiu a ideia dessa Vila se localizar em uma região subterrânea, onde todos os recursos pudessem cair ali. Quem resolve sair dessa Vila, resolve olhar para cima, e há uma imensa escadaria que liga esse lugar ao resto do mundo.

Desenho 7 - Vila do Passado



Fonte: obra original de Jorge Polo e Helena Lessa

Com as questões físicas definidas, a Vila do Passado passou precisar de uma definição sobre como é o relacionamento desse lugar com as personagens. Hanabi, Quingu e Tupa vivem intensamente a situação estabelecida pelo espaço. Eles são jovens aficionados pelo desejo de ser gigante como a única salvação para a condição que eles se encontram. E mesmo que cada um tenha uma forma de lidar com isso, essas personagens e seus contrterrâneos possuem uma

dificuldade de valorizar esse passado, visto que ele está atrelado à uma imagem de fraqueza. Como são seres que estão sempre olhando para cima, e apostando todas as suas energias nesse sentido vertical, a ponta oposta, ou seja, a parte de baixo subterrânea, é algo vergonhoso e que deve ser evitado.

Hanabi e Bonjongo visitam a Vila do Passado nos últimos momentos do filme, quando há esperança em resgatar os objetos que foram descartados nessa lagoa em um ato de ódio coletivo realizado pelos aldeões contra Bonjongo. Eles mergulham na lagoa e visitam a cidade submersa. Ela é uma metrópole completa, com grandes prédios e construções. É um cenário inspirado pela cidade de Fortaleza.

3.2 VILA DO PRESENTE

Desenho 8 - Vila do Presente - Detalhe da Tenda



Fonte: obra original de Jorge Polo e Helena Lessa

A Vila do presente é o principal cenário. Ela ambienta praticamente a peça inteira. É o lugar onde Hanabi treina quando Bonjongo chega acarretando a trama entre os dois. No filme não

poderia ser diferente. Essa é a Vila onde, atualmente, Hanabi e seus amigos vivem, portanto, sua complexificação para o filme é pensada a partir dessas personagens. O principal objetivo delas é ser gigante, e para não entrar em simbolismos a cerca da fixação pela grandeza física, a geografia nasce como justificativa da motivação das personagens, já que as características do ambiente estão atreladas ao comportamento de seus habitantes.

Assim sendo, essa Vila deve ser precária, com uma sobrevivência insalubre. O grande destaque de seu bioma é a vegetação escassa e a falta de água, como o semi-árido. Os aldeões vivem em pequenas tendas individuais, finas e compridas que se espalham pelas areias. Essas tendas possuem uma composição pensada nesse movimento para cima que, por exemplo, Hanabi vive sempre comentando em seu mantra "Nunca para frente, sempre para cima". Esses aldeões dormem verticalmente, pendurados de cabeça para baixo em um trapézio, devido à essa fixação de estar sempre treinando para crescer.

Desenho 9 - Vila do Presente



Fonte: obra original de Jorge Polo e Helena Lessa

A grande Montanha Invertida que centraliza a Vila também surge desse movimento vertical estabelecido pelo desejo de "gigantuar". estabelecido pelo desejo de "gigantuar". Essa

formação no centro do lugar é uma espécie de oásis inusitado, pois é para onde são jogados o respiro e a esperança, já que a Vila é cercada por dunas. Isso se associa à vegetação densa e rica que existe no topo largo da montanha, mas que é inacessível devido a essa geometria que impossibilita uma escalada. A única maneira razoável de conseguir acessar essa região propícia seria ser alto o suficiente para alcançar o topo. Todas as nuvens que conseguem atravessar esse grande deserto isolador e chegam até a Vila do Presente chovem apenas em cima da Montanha, portanto, apenas a parte mais próxima do topo se beneficia.

O lado interno dessa Montanha é dividido por patamares diferenciados de acordo com a distância do chão. As entradas são buracos cavernosos espalhados ao longo da formação montanhosa. Essa divisão de patamares também reflete a configuração que existente na parte externa. Quanto mais alto o patamar, mais farta a vegetação se torna e melhor a qualidade da água. Portanto, a Montanha é primordial para a sobrevivência da Vila do Presente, e sua forma de existência peculiar dita a dinâmica do cotidiano dali.

Hanabi e seu povo atravessam diariamente a Vila inteira para buscar água e alimentos na Montanha Invertida. Devido à estatura e habilidades que possuem, essas personagens conseguem acessar o Segundo Patamar, com sua entrada a cerca de dois metros de distância do chão. Esse ambiente, em comparação à área externa, já oferece mais opções com rios e lagos e algumas plantas frutíferas como coqueiros e cajazeiras, também poucas espécies de animais. Hanabi descreve a trajetória necessária para chegar à água:

"Você faz assim. Anda 42 passos no sentido do teu braço esquerdo. Você vai encontrar um cavalo azul com o rabo do tamanho de dois quarteirões. Sobe no cavalo e então espera o cavalo dar três voltas na vila durante três horas seguidas, até chegar em uma lagoa que é azul. Mas não pode beber água dessa lagoa. Sobe em um barco e rema, rema, até chegar do outro lado da lagoa onde você vai encontrar uma árvore muito alta e fina. Lá, dentro da árvore você encontra uma água que vai te deixar cada vez mais alto." (fala de Hanabi da peça "Esconderijo dos Gigantes")

Na peça, enquanto explica para Bonjongo o caminho a ser seguido, Andreia Pires atua indicando diversas direções, dando voltas em si mesma e brincando com as referências dos vetores. Essa forma de trabalhar a especulação de um lugar que não é mostrado visualmente, complexifica as probabilidades da natureza desse universo. A partir dessa encenação que há na peça, o interior da Montanha se tornou um lugar onde as leis da gravidade funcionam de uma maneira peculiar. As referências direcionais se confundem conforme você caminha pelas trilhas. O cavalo azul é mantido para o universo do filme, ele vive em um lago do Segundo Patamar. Ele alimenta a ambientação enquanto forma de vida extraordinária. Sua crina é longa e está sempre balançando para cima, ou seja, para o sentido contrário de seu corpo, sempre denunciando a especificidade geográfica das referências direcionais de seu habitat.

Desenho 10 - Segundo Patamar da Montanha Invertida



Fonte: obra original de Jorge Polo e Helena Lessa

A parte interna da Montanha é toda interligada. A chuva que cai nos patamares superiores correm e descem por todo interior irrigando gradativamente os patamares abaixo. A Vila do Passado se localiza no patamar mais inferior, ou seja, na parte subterrânea. É possível ver parte da Vila do Passado, através do Chão Furado, numa região onde o chão é instável no Segundo Patamar. Hanabi passa por lá diariamente quando colhe caixas pela manhã, mas tenta sempre ignorar essa visão da Vila do Passado.

Por mais que o Segundo Patamar da Montanha pareça mais propício à sobrevivência, há um grande empecilho natural com o qual os aldeões precisam lidar diariamente. A existência de pássaros imensos que, assim com o cavalo azul, surgem a partir de uma necessidade de caracterizar mais o universo e suas peculiaridades. Isso é somado à vantagem de um outro elemento que funcione como motivador para justificar o culto à grandeza física dessa Vila. Os pássaros são livres e transitam entre os diferentes patamares. Alguns aldeões acreditam que eles podem ajudar alguns humanos a "gigantuar". Mas, os moradores da Vila do Presente evitam esses animais por serem territorialistas e dominarem o espaço. As pessoas apenas entram na Montanha enquanto os pássaros não estão por lá.

A divisão existente entre os patamares faz com que o avanço do processo de se tornar gigante seja gradual criando uma hierarquia e uma rivalidade forte entre os aldeões. Portanto as relações entre esses habitantes não são muito generosas. Eles acabam dividindo-se em grupos pequenos e limitando suas preocupações e afetos dentro deles. A esperança de uma vida melhor em algo que se alcança apenas no sentido superior vertical também acaba modelando essa relação, já que eles evitam a horizontalidade. Ela é vista como um fracasso.

3.3 VILA DO FUTURO

A Vila do Futuro é o amanhã que ainda não chegou, uma incógnita. Ao longo da peça e do filme as personagens fantasiam com esse lugar. Ela é o objetivo que move Hanabi e seu povo, mesmo que eles não possuam muitas informações sobre esse lugar. Essas personagens acreditam que a Vila está localizada nos patamares mais altos da Montanha Invertida e que ela apenas pode ser alcançada pela grandeza física.

Especialmente para o filme foram pensadas maneiras de fortalecer essa esperança na Vila. Ela não aparece em momento nenhum. Talvez nem exista. Um personagem importante para trabalhar a maneira que essa Vila é encarada pelas personagens é Bonjongo. Bonjongo é o desconhecido que aparentemente pôde estar "Lá". Porém, muito do que se sabe dele e do que se imagina, principalmente por Hanabi, não passa de meras especulações e sonhos. Hanabi e os outros aldeões da Vila do Presente chamam a Vila do Futuro de "Lá". Mas elas entendem que "Lá" pode ser qualquer lugar e se alcançar indo para qualquer direção.

4 NARRATIVA

4.1 NARRATIVA COMO BOLSA

Após definir as personagens e os cenários, com suas motivações, histórias e características desvendadas, debruçei-me à estrutura e ao tom da narrativa. O espetáculo *Esconderijo dos Gigantes* é voltado ao público infantil e o interessante desse trabalho é a vontade de contar uma história, de inventar uma realidade, fugindo de um modelo antigo e comercial, o mito do herói. Conversando com Andrei Bessa, diretor da peça, esse ponto foi tocado. Não interessava ao grupo reproduzir mais uma vez esse paradigma, onde acompanhamos um herói em uma grande jornada em que ele deve combater seu vilão e restaurar a paz. A peça não nascia da luta do bem contra o mal, mas das diferentes formas de existência, com belezas e contradições, e do enriquecimento vindo com um choque cultural.

Ursula K le Guin, em seu texto *The Carrier Bag of Fiction* (GUIN, 1986), discorre sobre essa maneira comum de contar histórias fazendo um paralelo com instrumentos pré-históricos para justificar que esse modelo chega ser até patriarcal. Guin compara a jornada do herói ao instrumento de caça, a lança. Ambos possuem uma narrativa emocionante em que a figura masculina do herói é destacada. Ambas possuem um forma linear que mira um alvo, um objetivo: derrotar a presa, o inimigo. Esse objeto da arma que é usada pelos hominídeos é sempre muito retratada e considerada um dos primeiros instrumentos pela forma que é retratada nas histórias. Guin apresenta um segundo objeto, que não é lembrado nem imaginado como um possível instrumento indispensável para a sobrevivência, a bolsa.

Guin defende a importância da bolsa salientando a utilidade desse recipiente para armazenamento, carregamento e compartilhamento. Esse utensílio poderia existir de diversas maneiras como "uma folha, uma cabaça, uma casca, uma rede, um saco, uma funda, uma garrafa, uma panela, uma caixa"(GUIN, 1986, p. 150) com a finalidade de servir como um destinatário a diferentes formas de energia. Guin propõe uma narrativa que se tece a partir de diferentes formas de vida, enriquecida pelo compartilhamento e possibilidade de adição e troca, como a função da bolsa.

Assim, *Enconderijo dos Gigantes*, o filme, se estruturou procurando um desdobramento que surgisse da troca. Mesmo que ambos os protagonistas tenham desejos bem claros, importantes para a motivação e para a ação dentro da dramaturgia, a maneira como ela se constrói não é complementemente linear e maniqueísta. As múltiplas formas de vida são possíveis, são respeitadas

e se contaminam criando terceiras.

4.2 SUBTRAMA DOS SONHOS

Outra característica interessante da peça, já citada anteriormente e muito fomentadora para a concepção dos personagens e cenários, é a utilização do compartilhamento de histórias que acontece entre Bonjongo e Hanabi. Elas alimentam o poder imaginativo para diversos aspectos, e para pensar a estrutura narrativa não poderia ter sido diferente. Em minha conversa com Bessa, ele citou o livro *As Cidades Invisíveis* (CALVINO, 1990) como uma forte inspiração na idealização dos diálogos do espetáculo.

Essa obra de Calvino conta sobre o viajante Marco Polo que, a serviço do imperador Khan, viaja por todo o território tártaro mapeando as diferentes cidades que existem. Polo e Khan não falam a mesma língua, então o viajante utiliza outros recursos para explicar as características e o funcionamento de cada cidade. Ele aposta em uma comunicação sensorial, tentando estimular Khan com mímicas, cheiros, objetos.

"...Quando o relatório era feito pelo jovem veneziano, entre o imperador e ele estabelecia-se uma comunicação diferente. Recém-chegado e ignorando completamente as línguas do Levante, Marco Polo não podia se exprimir de outra maneira senão com gestos, saltos, gritos de maravilha e de horror, latidos e vozes de animais, ou com objetos que ia extraíndo dos alforjes: plumas de avestruz, zarabatanas e quartzos, que dispunha diante de si como peças de xadrez. Ao retornar das missões designadas por Kublai, o engenhoso estrangeiro improvisava pantomimas que o soberano precisava interpretar: uma cidade era assinalada pelo salto de um peixe que escapava do bico de um cormorão para cair numa rede, outra cidade por um homem nu que atravessava o fogo sem se queimar, uma terceira por um crânio que mordida entre os dentes verdes de mofo uma pérola alva e redonda. O grande Khan decifrava os símbolos, porém a relação entre estes e os lugares visitados restava incerta" (CALVINO, 1990, p.12).

Tratando a falta de comunicação entre Bonjongo e Hanabi como um empecilho que faz a trama se desenvolver, a forma de entendimento entre eles se torna semelhante à de Marco Polo e Khan. Hanabi sonha com os objetos de Bonjongo, imaginando de onde eles poderiam vir e para que podem ter servido anteriormente. Essas mirabolações de Hanabi não são acontecimento verídicos, mas a maneira que ela interpreta a personagem de Bonjongo. Porém, essa interpretação acaba dizendo mais sobre si mesma que sobre o outro. Quando Khan e Polo, em *Cidades Invisíveis*, finalmente passam a falar o mesmo idioma, o imperador se vê desanimado frente ao relato verbal. Khan, então, propõe uma mudança do método, ele passará a imaginar as cidades e Polo confirmará se elas existem e quais são seus nomes. Eis a resposta do viajante:

"Das inúmeras cidades imagináveis, devem-se excluir aquelas em que os elementos se juntam sem um fio-condutor, sem um código interno, uma perspectiva, um discurso. É uma cidade igual um sonho: tudo que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa"(CALVINO,1990, p.20).

Assim esses sonhos de Hanabi criam um segundo braço dentro dessa estrutura macro. Nesses momentos lúdicos, ao invés de entendermos Bonjongo, acabamos acompanhando a transformação de Hanabi de uma maneira mais introspectiva. Cada um deles é um pequeno e simples arco completo, mas que refletem as impressões de Hanabi e seus entendimentos sobre essa experiência que ela está passando.

Cada cidade do livro possui uma geografia, uma história e uma performance peculiares que as tornam instigantes. Os lugares sobre os quais Hanabi e Bonjongo conversam durante a peça foram inspirados na maneira de Calvino criar e falar sobre as cidades que inventou. O filme *Esconderijo dos Gigantes* bebe dessa fonte também para ambientar os sonhos da protagonista. As situações são fantásticas e os cenários são inspirados em diversas paisagens cearenses. Esse momento também impulsiona um salto dentro da linguagem da animação. Abre-se a possibilidade de trabalho com diferentes técnicas, como *ostopmotion*, *arotoscopia*, a colagem e etc. Assim, essas sequências podem se tornar ainda mais lúdicas e fantasmagóricas.

4.3 ESTRUTURA

Com todas as ideias e vontades descritas anteriormente sobre a narrativa do filme, foi necessário organizar e montar o arco geral em uma estrutura. A peça *Esconderijo dos Gigantes* é dividida em seis cenas (Ver Anexo A). Cada uma é nomeada de acordo com sua questão central. Assim, há uma visualização mais geral de como a estrutura se configura. Pensei primeiro em uma dilatação dessa estrutura da peça. Cada cena dela funcionaria como uma indicação a uma sequência do filme.

A primeira cena "Encontro com o outro" mostra como Hanabi e Bonjongo se conhecem e como o impacto do encontro reverbera em cada um. Ela se interessa pelo tamanho dele e ele quer a informação de onde conseguir água. Temos a indicação de que Hanabi treina sozinha até a chegada de Bonjongo e, então, o diálogo se desenvolve expressando os sentimentos dessas personagens acerca da situação.

Como já citado antes, o filme não se interessa pelo uso do diálogo como ferramenta de sustentação da trama. A cena precisava ser desembrulhada. Portanto a primeira sequência do filme foi intitulada "Manhã na Vila do Presente" e realiza a necessidade de ambientação, que o diálogo na peça realiza muito bem. Acompanhamos Hanabi e seus amigos em uma manhã corriqueira. Passamos por dois cenários diferentes, a Vila do Presente e o Interior da Montanha Invertida.

Antes que Bonjongo aparecesse na linha do tempo, era preciso reforçar os motivos de Hanabi ser a única de todo o seu povo que se prende a esse gigante misterioso. O fim dessa primeira sequência é marcado pela conversa entre Hanabi, Tupa e Quingu, em que eles fantasiam sobre um mito famoso daquele lugar, algo a respeito de ser treinado por gigantes. Hanabi se empolga tanto tentando demonstrar o treinamento a ponto de desmaiar em um sono. Assim, vemos que a relação entre ela e Quingu não anda muito boa. Tupa também já aparece como antagonista desde esse momento, quando consegue convencer Quingu a se separar da amiga. Então, Hanabi fica sozinha. Essa é a segunda sequência do filme, "Hanabi treina sozinha", retratando o momento de instabilidade emocional da protagonista. Ela está quase sem esperanças.

Agora, Bonjongo pode aparecer na trama de uma maneira mais poderosa. Ele surge como uma faísca para reascender a esperança de Hanabi. E essa terceira sequência, "Bonjongo e Hanabi se encontram", remete mais fielmente à primeira cena da peça. Vemos as intenções de Hanabi com Bonjongo -e algumas falas dessa Hanabi entusiasmada da peça foram bem reutilizadas para o filme-, enquanto que o gigante só quer água.

A partir daí, o filme precisou afastar-se da estrutura narrativa do espetáculo. Isso porque Bonjongo decide ficar no momento seguinte, e inclusive é o nome que é dado à terceira cena da peça, "Bonjongo decide ficar". A construção da relação entre ele e Hanabi se inicia com essa decisão de Bonjongo. Mas, na longa-metragem, Bonjongo seria mais resistente e também pediria por novas experiências que criariam um afeto entre ele e Hanabi. Ele está constantemente tentando partir, e era preciso pensar em situações que o segurassem na Vila do Presente. Era importante criar sequências em que ele precisaria de Hanabi. A relação entre eles floresceria por essa necessidade do outro, começando por exemplo pela necessidade de água dele e a necessidade dela por um treino.

A estrutura, então, foi pensada como uma costura. Há sequências que instauram situações de dificuldade em que a união dos dois personagens é inevitável. Começando pela sequência quatro, "Acostumar com o outro", na qual os problemas são mais simples. A maior dificuldade para eles é lidar com as necessidades deles mesmos, como a busca por água e

comida, e o cansaço físico limitador. Aos poucos, os contratempos se tornam mais externos, e surgem das complicações que o espaço oferece, como a tempestade de areia na sequência sete e o imprevisto com os pássaros gigantes na sequência dez.

As sequências citadas são amarradas por momentos mais leves de interação direta entre Hanabi e Bonjongo. Sequências como a número seis, "Treinamento para ser Gigante" e a número nove "Enfrentando Medos" focam em como tem sido a relação entre os dois após todas essas dificuldades que eles sofreram. As sequências dos sonhos de Hanabi também aparecem como parte dessa costura narrativa. Elas vêm de dentro da cabeça de Hanabi, portanto carregam os pensamentos dela enquanto a garota digere todas essas experiências que está vivendo. Essas sequências trabalham em cima de um sentimento exterior de Hanabi sobre Bonjongo, misturado à seus desejos e medos profundos que pareciam adormecidos antes dessas aventuras.

As sequências "Tralhas Jogadas no Lago" e "Em Busca de Um Novo Lá", números doze e treze, respectivamente, marcam uma ruptura muito grande do filme. A primeira se assemelha com as outras sequências de dificuldade, porém, nela há uma transformação em Hanabi. A garota acaba de descobrir a verdadeira natureza de Bonjongo que a leva a um outro nível de amadurecimento pois o interesse dela por Bonjongo transcendeu ao tamanho dele. Então, Hanabi precisa reorganizar suas impressões com todas essas informações que recebeu, e sua maior motivação se transforma.

Já a sequência treze se trata de um sonho e também é diferenciada por essa ruptura. É a primeira vez que Hanabi sonha com ela mesma e que há um diálogo. É também o primeiro sonho que ocorre numa paisagem em que sabemos de onde se trata. Bonjongo aparece como garoto e esse momento entre os dois ilustra uma reflexão sobre tudo aquilo que ela considera verdade absoluta. Hanabi começa a questionar sobre o que é "Lá" e como pode ser alcançado. Essa sequência é muito inspirada pela peça, pois nela, muitas histórias são contadas trazendo muitas reflexões de um personagem sobre o outro.

Nessa sequência, Hanabi participa ativamente. É uma situação que ela vivencia, e não que apenas imagina Bonjongo. Algumas reflexões dela também foram muito inspiradas pelo livro *As Cidades Invisíveis* (CALVINO, 1990). Na descrição da cidade de Zenóbia, há uma descrição acerca do fato de ser uma cidade construída a partir de um outro pensamento de cidade:

É inútil determinar se Zenóbia deva ser classificada entre as cidades felizes ou infelizes. Não faz sentido dividir as cidades nessas duas categorias, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por esta cancelados. (CALVINO, 1990, p. 17-18).

Bonjongo, na peça, avisa Hanabi que ele não pode ser classificado como feliz ou infeliz. Portanto, aquilo que Calvino fala sobre Zenóbia é transferido para a personagem pois a lógica transformadora que permeia ela é a mesma. Hanabi reflete em "Em busca de um novo Lá" sobre Bonjongo ter um passado difícil no qual sua tribo perdeu tudo acarretando a necessidade de se tornar um viajante. Mas, ela reflete também que não vale a pena tentar considerar Bonjongo um infeliz, pois ele se transformou em outra pessoa (e coisa). Quando ele se torna nômade, a mutação molda seus desejos, e também, moldam suas necessidades. Um pensamento importantíssimo para pontuar esse momento de Hanabi, pois o mesmo está acontecendo com ela. Ela começa a desejar um novo "Lá".

Outra importância da sequência treze para a estrutura do filme é a quebra da ambiguidade sobre a natureza desse arco dos sonhos. As anteriores, sequências cinco, oito e onze, não são muito bem justificadas acerca de sua veracidade e de seu universo. Quando Hanabi sonha com o garoto que acabou de descobrir dentro de Bonjongo, ela primeiramente visualiza um garoto idêntico, com a mesma máscara de cerâmica. Porém, quando ele revela o rosto dentro desse sonho, ele possui feições imaginadas por ela e os cabelos são negros, já que ela ainda não havia visto a verdadeira face dele. Contudo, quando ela acorda e tira a máscara dele, os cabelos são loiros e seus traços são outros. Isso dá ao espectador a informação de que todos essas pequenas tramas, em que havia uma mudança da técnica e que éramos transportados a outros lugares, na realidade, eram imaginadas por Hanabi.

As sequências seguintes, e finais para o filme, focam em resoluções. "Visita à Vila do Passado" assume uma experiência para os dois personagens. Hanabi e Bonjongo podem explorar um lugar estigmatizado, mas que acaba encantando os dois. Através das empolgações de Bonjongo com a grande metrópole inundada, Hanabi vive uma aventura naquele lugar. Como esse acontecimento ocorre após um sonho questionador sobre o conceito de "lugar ideal", isso faz com que Hanabi esteja muito mais aberta positivamente para a experiência, mesmo que, no início, ela ainda tenha uma resistência. Já Bonjongo é afetado pela característica adaptável e acolhedora daquele povo antigo que ainda mora ali. Ele decide, pela primeira vez, ficar.

Os arcos dos dois personagens coadjuvantes, Quingu e Tupa, também fazem parte dessa costura. Eles aparecem em cenas dentro das sequências de dificuldade e de aproximação que acontecem entre Bonjongo e Hanabi. Tupa tenta, ao longo do filme, desestabilizar Hanabi e fazer com que Bonjongo seja visto como um vilão por todos da Vila. A cada tentativa frustrada de Tupa para intimidar Hanabi e ela se mostrar resistente, ele apela com golpes mais baixos. Tupa chega ao ponto de realizar uma espécie de linchamento desmontando Bonjongo e jogando suas coisas no lago. Essa ação de Tupa foi alimentada ao longo do filme pois sua

necessidade de controlar Hanabi motivou todas as suas ações, que foi crescendo aos poucos como uma espécie de bola de neve, quase incontrolável no final. Na sequência dez, "Pássaros Gigantes", ele surta ao ver um gigante e, desesperado em sua própria loucura, acaba tendo uma reação de ódio. Porém, conseguimos entender que Tupa estava agindo apenas como um fanático. Quando ele encontra com Hanabi na sequência quinze, ele aceita as escolhas dela e aceita carinhosamente a máscara de Bonjongo. Um gesto de abertura para a reflexão por ter agido de maneira rigorosa e intolerante.

Já Quingu é uma personagem mais sensível e que, diferentemente de Tupa, age guiada por uma preocupação florescida pelo amor à amiga. As cenas em que ela aparece são para tentar se reconciliar com Hanabi. Mas, como Quingu está sendo manipulada por Tupa, ainda há uma grande desconfiança dela com Bonjongo. Então, a garota permanece atenta ao que ocorre com Hanabi, mas sem se aproximar muito, a não ser em momentos mais críticos, como a sequência "Tralhas Jogadas no Lago". Nela, as duas renovam a parceria e Quingu não está mais sob influência de Tupa.

Mesmo que a distância entre as duas amigas funcione como um disparador para a desilusão de Hanabi no início do filme, fazendo a motivação dela passar por Bonjongo, quando elas se reaproximam, Hanabi já passou por seu amadurecimento e agora ela continua ajudando e estando próxima ao Bonjongo por outro motivo. Portanto, a reunião delas não significa que Hanabi irá deixar Bonjongo, pelo contrário, pois Bonjongo está em seu momento de maior fragilidade quando as garotas se reconciliam. No fim, elas acabam viajando juntas, ou seja, Quingu também sofre alguma transformação com a presença de Bonjongo. Toda aquela mirabolância que Tupa cria para controla-la desmorona. Ela está aberta para novas perspectivas.

4.4 TOM

Com estrutura definida, era momento de escrever o roteiro em si, cena por cena e ação por ação. É uma fase crucial para o filme pois é através da escrita, esmiuçando todas as ações, que há um entendimento melhor sobre uma nuance importantíssima do filme, o tom.

Devemos ter sempre em mente, ao escrever uma cena, que as personagens em ação, ou em paixão, não se exprimem apenas, e talvez nem principalmente, pelas palavras, mas pelos signos do corpo: uma veia que pulsa no pescoço, gotas de suor na testa, um punho que se fecha "contra a vontade" (CARRIERE; BONITZER, 1996, P. 129)

No livro *Starting Point* de Hayao Miyasaki há uma introdução escrita por John Lasseter, produtor e diretor de alguns filmes da Pixar. Lasseter conta sobre um exercício para escrita de roteiro que ele gosta muito de usar em suas aulas. A ideia é pensar uma cena em que duas personagens diferentes executem a mesma ação. Assim, podemos saber muito sobre essas personagens. Cada uma terá uma maneira própria de realizar essa ação. Hanabi e Bonjongo, por exemplo, podem ter suas diferenças e culturas acentuadas apenas ao andar pela Vila do Presente. A forma que Hanabi caminha e interage, por exemplo com o Segundo Patamar, denuncia sua rotina. Ela é ágil e exata em todos os seus movimentos ou seja, conhece muito bem como o espaço funciona e a melhor maneira de transitar por ali.

Além de acentuar características das personagens, as ações podem também complexificá-las. Os moradores da Vila do Presente, por exemplo, possuem um jeito próprio de correr pela areia. Eles tentam aproveitar o exercício ao máximo, sempre tentando arranjar formas de ficar mais alto. Mas, outra abertura que isso pode ter é sobre a questão das imposições sociais do lugar. O clima é de rivalidade e exigência, assim, eles estão sempre mostrando um desempenho excelente. A maneira de se comportar até em ações que deveriam ser mais simples e corriqueiras, como a corrida de deslocamento pela Vila, pede por uma certa postura.

Todas essas indicações e possibilidades surgem com a escrita do roteiro. São detalhes que passam despercebidos enquanto pensamos a narrativa, sua estrutura, o plano de fundo das personagens, mas que são complementares a tudo isso. Consequentemente, há também uma preocupação em como esses detalhes são dados. Como as ações aparecem enquanto imagem? Então, em minha forma particular de escrever um roteiro de animação, em que todas as indicações de ações surgem dele, sinto ser importante também o pensamento acerca da decupagem e do ritmo do filme. Essas indicações sobre a planificação também me fazem refletir sobre o processo de adaptação dessa peça.

No livro *O Cinema e a Encenação*, Jacques Aumont discorre sobre como "a planificação é a encarnação da diferença entre o cinema e o teatro" (AUMONT, 2006, p. 50) por criar uma preocupação, que ele considera um trabalho intelectual e estético, de onde se colocar a câmera. No teatro há normalmente -e também é o caso de *Esconderijo*- o uso de um palco italiano com três limites que enquadram esse ponto de vista frontal, geral e contínuo, que é a caixa cênica. Dentro do filme de animação, com o universo todo criado há milhares de possibilidades de pontos de vista, enquadramentos e recortes de ações em que cada um ocorre.

"A planificação é um instrumento que permite responder a todas estas exigências: respeita a acção, mas autoriza o ponto de vista; distribui os pontos de vista de maneira a parecerem pontos de vista reais (uma atenção realmente centrada no mundo)"(AUMONT,2006, p.51).

Assim, a escolha de alguns enquadramentos se tornam primordiais para o pensamento e criação da movimentação dessas personagens, como elas interagem entre elas mesmas e com o espaço. Em meu roteiro, não há tantas definições pontuais sobre a planificação, mas há um pensamento, dentro da dinâmica de escrita, que se aproxima a uma indicação dessa decupagem. Cada novo parágrafo pode ser sentido como um novo posicionamento de câmera. Em alguns momentos específicos, senti a necessidade de indicar qual poderia ser o melhor enquadramento das ações que o parágrafo menciona como, por exemplo, em planos gerais e planos ponto de vista. Portanto, acredito que, a partir desse formato de escrita que desencadeia as ações, a leitura do roteiro está sintonizada com a dinâmica do filme.

Outro ponto poderoso da escrita do roteiro que transcende ao pensamento da imagem são as indicações sonoras. As cenas em que Bonjongo aparece pela primeira vez são ótimos exemplos. "Bonjongo e Hanabi se Encontram" é uma sequência que se inicia permeada pelo clima de tensão. É o momento da chegada do desconhecido, que virá "bagunçar" a realidade de nossa protagonista, e a primeira indicação dessa chegada é um som. Enquanto acompanhamos o processo de descanso da Vila, quando tudo está calmo, tranquilo e, de alguma forma, vulnerável, o som dos passos de Bonjongo surgem lentamente. Mesmo que comecem distantes, aos poucos, ele vai impregnando a Vila. Então, quando a imagem "corta" para vermos aquilo que está criando esse som, os ruídos dos passos são fortes e presentes. Há uma tensão intensificando o fato de que esse indivíduo misterioso, barulhento e até assustador, está cada vez mais próximo. O perigo, a possibilidade de que esse ser chegue à nossa tranquila e serena Vila, é denunciado pelo som. A cada passo de Bonjongo, mais o silêncio da Vila é atingido.

Durante a escrita do roteiro de *Esconderijo dos Gigantes*, me foi enriquecedor o cuidado e a necessidade das indicações sobre o sentimento das personagens e das cenas. Essas nuances também ajudam na leitura e interpretação desse documento, valorizando mais ainda a atenção do tom que cada cena pede. O roteiro é considerado por muitos realizadores apenas um documento técnico a fim de orientar a equipe do filme sobre dificuldades da produção. Porém pra mim, ele possui mais um caráter de compartilhamento de ideias, de inspirações e provocamentos com o resto da equipe. Um material para todas as diferentes áreas criarem e construírem juntas e separadas a partir dele, como uma base contaminante. Assim, acredito que, quanto mais sensível essa escrita seja com os afetos, as dores, os medos e as desconfianças das personagens, mais provável que a linguagem consiga se tornar intensificadora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a escrita do roteiro de *Esconderijo dos Gigantes*, percebo o quanto é maravilhosamente complexa uma obra voltada para crianças. Esse campo de estudos, ligado ao universo infantil, tem, inclusive, me interessado e motivado muito ao longo da vida. Ao passar por todas as experiências e desafios que a vida acadêmica e profissional na área de cinema me trouxe, concebi esse trabalho de conclusão de curso como uma rede que amarra e tece diversos momentos e pessoas.

A maior dificuldade que senti durante o desenvolvimento desse trabalho foi a falta de referências, como filmes e livros, que pudessem me influenciar de uma maneira mais direta. Isso porque o espetáculo é uma peça com uma viés mais contemporâneo sobre o teatro, e o filme tenta manter a mesma linha para a linguagem da animação. Portanto uma adaptação muito única para mim.

Acredito que essa minha dificuldade denuncie uma limitação enfrentada pelo público infantil. As crianças são vistas como espectadores subestimados. Muitas obras voltadas a elas são extremamente limitadas a produtos comerciais de venda com alto potencial de lucro. Muitos filmes, séries e peças que conheço são, para mim, apenas obras com um apelo moral didático e falido, ou então que só se apegam a efeitos visuais exagerados, apoiando-se em sentimentos frágeis, fúteis e até ultrapassados. Também sinto que há muitas obras que se enquadram em modelos batidos de narrativa, aquelas que os manuais recomendam seguir como uma receita. Como o caso da famigerada jornada do herói.

Desenvolver esse trabalho de conclusão de curso me mostrou muito forte, na prática, como outras formas de cinema e de processo existem e são possíveis. Muito do que me ocorreu nessa trajetória transcendeu aos passo à passo dos manuais. Eu senti um movimento muito rico em torno das possibilidades dentro desse filme. Um terreno tão fértil que se mostrou poderoso devido às influências de outros diversos tipos de troca. E isso é justamente aquilo que a própria peça e o filme desejam tratar.

Esse filme é dedicado ao sentimento de pluralidade, à existência de rotas alternativas. Toda essa experiência pela qual passei, começando pelo próprio momento de assistir ao espetáculo *Esconderijo dos Gigantes* e chegando até a escrita desse memorial, me deixou com um sentimento de coragem e resistência. Sinto ter me dedicado a um trabalho que acredita no poder inventivo das crianças de sentirem o mundo e as coisas, e isso é gratificante e encorajador para mim.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **O Cinema e a Encenação**. Tradução Pedro Elói Duarte. Lisboa: Texto & Grafia, 2006. 192 p. Tradução de: Le Cinéma et la mise en scène.

CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. Tradução Diego Mainardi. 1. ed. Companhia das Letras, 1990. Tradução de: Le città invisibili. Disponível em
<<https://pdfbuilderv2.mettzer.com/tcc/58d179f247ab730007fba0d0/eyJhbGciOiJIUzI1NiIsInR5cCI6IkpXVCJ9.eyJfaWQiOiI1OGQxNzlmMTBmOGE1NTAwMDdlZGE1NDgiLCJlbWFpbCI6ImJhcmJhcmFjYWJlY2FAb3V0bG9vay5jb20iLCJmaXJzdG5hbWUiOiJiYXJiYXJhIiwibGFzdG5hbWUiOiJjYWJlW6dhliwiaWF0IjoxNDk2MzE2NzY1LCJleHAiOiJlE0OTYzNTk5NjV9.1TScIWHsJjRm9bFNfQNPjKmfwgkUMsTKU9A179g95yI/download/da60c163-104c-44c2-bb23-a30743906b2a>>. Acesso em: 01 Jun 2017.

CARRIÈRE, Jean-Claude; BONITZER, Pascal. **Prática do Roteiro Cinematográfico**. Tradução Teresa de Almeida. São Paulo: JNS Editora, 1996. 144 p. Tradução de: Exercice du scénario.

GUIN, Ursula K. Le. **Dancing at the Edge of the World: Thoughts on Words, Women, Places**. Grove Press, 1986. 320 p. (About Writing)

MIYAZAKI, Hayao. **Starting Point: 1979-1996**. Tradução Beth Cary e Frederik L. Schodt. Japão: VIZ Media, 2009. 461 p. Tradução de: Shuppatsuten.

ANEXO A — Texto da Peça Esconderijo dos Gigantes

ESCONDERIJO DOS GIGANTES

Inquieta Cia de Teatros

Texto de Andrei Bessa, Gyl Giffony e Andréia Pires.

Personagens:

Hanabi

Bonjongo

Sinopse:

Hanabi quer ser a mais alta de sua tribo. Bonjongo começou a andar e nunca mais parou. Hanabi é vila. Bonjongo é estrada. Isolada em uma vila que valorize a grandeza física, Hanabi fica encantada com a altura que Bonjongo consegue chegar e com o mundo que carrega. Já Bonjongo tem desejo por água, com o encontro tem a primeira parada de sua jornada.

CENA 1 - Encontro com o outro

Hanabi treina sozinha. Bonjongo chega.

Os dois se estranham. Tensão inicial.

Bonjongo lhe mostra sua luminária, causa encanto. Se apresentam.

BONJONGO

Bonjongo.

HANABI

Bon-?jon-?go? Hanabi!

BONJONGO

Hanabi.

Enquanto Hanabi faz inúmeras perguntas, Bonjongo procura se tem água em suas coisas e vai se desfazendo do peso que carrega.

HANABI

Como você consegue ser tão grande assim? De onde você vem?

Como é seu rosto?

Quanto você mede?

O que você guarda aí?

Me ensina a ser tão grande quanto você? Você é do bem?

Para que serve isso? Foi você que inventou? Onde você mora?

Qual sua idade?

O que você carrega tanto? Para que tantas coisas?

Me ensina a ser gigante? Você toca as nuvens?

Que gosto elas tem? O que você é?

O que é isso? Como se usa? É para mim?

BONJONGO

Tenho desejo por água.

HANABI

Sede?

BONJONGO

Água.

HANABI

Ah, água. Porque você não disse antes? Você faz assim. Anda 42 passos no sentido do teu braço esquerdo. Você vai encontrar um cavalo azul com o rabo do tamanho de dois quarteirões. Sobe no cavalo até chegar em uma lagoa que é azul. Mas não pode beber água dessa lagoa. Sobe no barco e rema, rema, Você vai encontrar uma árvore muito alta, lá você encontra uma água que vai te deixar cada vez mais alto.

BONJONGO

ÁGUA!

HANABI

Já volto.

Ela sai. Ele tenta arrumar suas coisas, mas cai de cansaço.

HANABI

BONJONGO!

Ela lhe dá água da árvore.

CENA 2 - Treinamento para ser Gigante

HANABI

Fica, Bonjongo. Me ensina a gigantuar.

BONJONGO

Tenho que continuar o caminho

HANABI

“Nunca partir, sempre ficar. Nunca para frente, sempre para o alto.”

BONJONGO

Não posso parar. Obrigado pela água.

HANABI

Para onde você vai?

BONJONGO

Não sei. Vou para o lugar que não conheço ainda.

HANABI

Tá com pressa? Está fugindo? Você fez alguma coisa de errado? Você é foragido pela máfia dos homens pitocos? Por isso esconde o rosto? Você conhece tudo que os homens altos conhece? Você já mergulhou no mar dos galvininhos? De onde você veio?

BONJONGO

Você já conheceu Lá?

HANABI

Não. “Nunca partir, sempre ficar. Nunca para frente, sempre para o alto.”

BONJONGO

Lá é maior do que o mundo todo. Eu vim dali, de cá, do acolá! Já fui muito longe. Sai do lugarejo de Lá. Nesse pedaço de tempo já não tinha mais família, pai, mãe e amigos nessa fatia de chão. Em Lá, tudo estava seco. Um gigante com uma sede tremenda, em único gole, bebeu toda a água. Não sobrou nada além da secura. Antes, era rio, mar, cachoeira. Altíssimas palafitas que ultrapassavam as nuvens, e casas para baixo do chão feitas de bambu e de zinco, caixas de ar, cataventos transparentes, roldanas de sopro, linhas e guindastes.

HANABI

O que é catavento transparente?

BONJONGO

É o que faz o vento girar.

Eu mergulhava nas águas e no céu, todos os dias, desde o pedaço de tempo em que eu era muito grande pequeno. Colhia estrelas da manhã, algodões da tarde e fósforos da noite. Até o dia em que não havia mais nada. Tudo havia sido sugado pelo gigante Zenóbi. Ele, como quem está com um vazio por dentro, levou tudo de Lá. Desejava trazer tudo que há no mundo para dentro de si, talvez isso seja necessidade. O gigante Zenóbi levou tudo! Eu que me achava menino gigante, muito grande grandão, me vi pequeno pequenino nino nino gigantino. Não tinha por que ficar Lá, passei em tão a mergulhar nas léguas, passos e pé, pé a pé, submergindo no mundo! Minha mochila virou minha casa.

É inútil pensar se fui, ou sou, alegre ou triste. É inútil classificar Lá como um lugar feliz ou infeliz. Não faz sentido dividir os lugares entre felizes ou infelizes, mas sim pensar que os lugares continuam ao longo dos anos e de suas transformações dando forma aos nossos desejos. De Lá parti, e me fiz no mundo! Nunca mais meus pés pararam de nadar, nenhum dia minhas mãos pensam em não caminhar. Ouço um barulho, que vem daqui, de Lá, de Lá aqui dentro, e sigo, e me vou. Tum Tum. Pa pá. Pé pé.

CENA 3 - Bonjongo resolve ficar

BONJONGO

E você, porque tem a cara toda riscada?

HANABI

A gente ganha uma linha a cada pé que conseguimos de altura. Eu só tenho essas, mas tem umas pessoas lá na vila que tem mais de 20. Se você morase aqui...

Ei Bonjongo, me ensina a gigantoar?

Eles montam a estrutura de bambu.

BONJONGO

Você atravessa o deserto do Atacama. Pula os alpes suíços. Passa por baixo do oceano pacífico. Rola pelo Saara. Se deleita com o Acaraú. Dorme no triangulo das bermudas.

Preparar para alpinismo e o mergulho.

Finalizam a montagem.

CENA 4 - Dia a dia com o diferente

Hanabi o acorda e o ensina seu treinamento.

Bonjogo volta a dormir.

Hanabi o acorda e lhe dá um banho.

Bonjongo volta a dormir.

Hanabi traz uma fruta e ambos brincam com a forma de comer.

CENA 5 - Dia a dia com o diferente

HANABI

Me conta um pouco mais sobre Lá. Como é o gosto das manhãs, o sabor da tarde, o calor da noite.

BONJONGO

(Cantando)

Céu todo Azul / Chegar no Brasil por um atalho / Aracaju / Terra cajueiro papagaio / Araçazu / Moqueca de cação no João do Alho / Aracaju / Voltar ao Brasil por um atalho

Ser feliz / O melhor lugar é ser feliz / O melhor é ser feliz / Mas Onde estou / Não importa tanto aonde vou / O melhor é ter amor

Aracaju / Cajueiro arara cor de sangue / Nordeste-?Sul / Centro da cidade banguê--?banguê / Aracaju / Menos o Sergipe e mais o mangue

Ser feliz / O melhor lugar é ser feliz / O melhor é ser feliz

Onde estou / Não importa tanto aonde vou O melhor é ter amor

Enquanto Bonjongo canta, Hanabi faz uma linha em seu rosto, simbolizando que ele agora faz parte de seu lugar.

BONJONGO

Hanabi, me conta um pouco mais sobre aqui.

HANABI

Nossa vila na verdade é três. A que eu moro, você aponta com a mão esquerda e segue 302 pés e mais 38 para a esquerda de novo. Mas tem mais outras duas vilas.

A primeira é de quando a mãe do pai da minha avó ainda era pequena. Um dia um homem teve um sonho. Desses sonhos que falam do amanhã. Ele sonhou que a tristeza estava vindo com o vento. Para fugir do vento, nosso povo construiu uma vila lá embaixo. Quando todos estavam comemorando, o vento entrou na festa e trouxe a tristeza. De tanto todos chorarem a vila ficou inundada e virou lagoa. Nossos antigos ainda estão lá. Vivendo nossa vila debaixo d'água. Tudo que ninguém mais quer, joga na lagoa. Ela passou a guardar o que não é para guardar. Sempre que alguém morre, passa a viver na lagoa. Ninguém nunca saiu daqui, todo mundo quer viver na lagoa um dia.

BONJONGO

E a terceira vila?

HANABI

É a mais misteriosa. Ninguém nunca viu ela. É da época que o sobrinho da neta da minha filha nem nasceu ainda. É a vila dos que não vinheram ainda. Todos querem saber o que tem nessa vila que ainda não chegou. Alguns dizem que lá não tem choro. Que tudo brilha. Que o sol nasce do chão e as estrelas fazem cócegas antes de ir dormir. Todo mundo é feliz nessa vila. Tem pessoas transparentes e unicórnios bailarinos. Todos querem ficar cada vez mais altos para poder chegarem logo nessa vila. Tem gente que tem uma porção de linhas no rosto, dessas linhas que o tempo desenha, mas ninguém nunca nem viu a vila ainda. Sempre para o alto, em busca da vila que não veio.

O que você acha que tem nessa vila, Bonjongo?

Bonjongo sonha em encontrar essa vila do amanhã.

CENA 6 - Em busca de um novo Lá**HANABI**

Mas suas mãos não podem parar de caminhar.

BONJONGO

Para cima, Hanabi. Você me ensinou, para cima. Até chegar no chão do céu.

HANABI

Vamos para Lá.

BONJONGO

Para Lá?

HANABI

É, com cachoeiras e cataventos transparentes.

BONJONGO

Parei pela primeira vez. Gostei de parar.

HANABI

Quem vai fazer o vento girar, Bonjongo?

BONJONGO

Hanabi.

HANABI

Eu?

BONJONGO

É. Leva um pouco de força e um pouco de leveza.

Força para seguir em frente. Leveza para desviar quando necessário.

HANABI

Me ensina a andar.

BONJONGO

Em um pedaço de tempo você quer ir para cima.

HANABI

Agora, nesse pedaço de tempo quero ir para Lá.

BONJONGO

Aqui tem água. É só seguir o braço esquerdo e ir para além da lagoa.

HANABI

Desejo de ir além da árvore. Ir. Vamos para Lá? Um novo Lá, Bonjongo. Vamos inventar nosso Lá.

BONJONGO

Um novo Lá? Sem Zenoha?

HANABI

No nosso Lá não tem Zenoha. Nossa Lá tem gosto de caroço que dança pela boca.

BONJONGO

Estrelas da manhã?

HANABI

Algodões de tarde e Fósforo de noite.

BONJONGO

E aqui, como fica?

HANABI

Aqui sempre vai ficar. O caminho não é só de ida, Bonjongo. Quando precisar, a gente volta.

Começam a inventar uma nova geografia.

Enquanto se preparam para viajar, desmontam as coisas e saem do palco.

Esconderijo dos Gigantes

Segundo Tratamento

escrito por

Bárbara Cabeça

BASEADO NA PEÇA TEATRAL HOMÔNIMA

DE

ANDREI BESSA, ANDREIA PIRES E GYL GIFFONY

SEQ 1 - MANHÃ NA VILA DO PRESENTE

1 EXT. VILA DO PRESENTE / AMANHECER

O dia começa a amanhecer na VILA DO PRESENTE. Há algumas pequenas tendas, compridas verticalmente, espalhadas pela ampla paisagem árida.

No centro da Vila, há uma MONTANHA INVERTIDA. A partir do chão, ela surge fina e estreita. À medida que se aproxima do topo, ela fica mais larga até formar um patamar com vegetação verde e densa em seu ponto mais alto.

Ao longe, vemos um grupo de três aldeões correndo pela Vila em direção à Montanha. É TUPA e seus amigos.

Um bando de PÁSSAROS ENORMES sai da dentro da Montanha, eles voam em direção ao céu. Ouvimos o SOM DO PIO forte deles pela Vila.

Tupa e seus amigos param de correr e observam atentos os Pássaros passarem voando por eles.

Os Pássaros voam alto. Ainda ouvimos o SOM DO PIO.

2 INT. TENDA DE HANABI / AMANHECER

O SOM DO PIO dos pássaros ainda reverbera pela Vila e aos poucos vai enfraquecendo.

HANABI, uma garota de 13 anos, alta, de cabelos castanhos e linhas horizontais pintadas no rosto, dorme pendurada de cabeça para baixo com os pés apoiados em um TRAPÉZIO.

O trapézio está preso por duas cordas laterais que pendem do topo da tenda, cerca de dois metros do chão.

Hanabi ronca, seus braços estão esticados para baixo. Ela usa um chapéu de palha preso à sua roupa.

Um fecho de luz solar entra por uma abertura da tenda, iluminando os olhos de Hanabi. Com o incômodo da claridade, ela desperta.

Hanabi se espreguiça, conseguindo tocar o chão com as mãos. Há linhas marcadas na areia. Ela se alonga tentando encostar na mais distante. Fracassa. Se alonga com mais força e apenas as pontas de seus dedos médios alcançam a linha.

Hanabi sorri empolgada. Ela aproxima os braços na linha de seu corpo, com as palmas das mãos apoiadas no chão, e transfere o peso de seu corpo para os braços esticados.

Hanabi, em uma parada de mão, solta os tornozelos do trapézio e então pouisa com os pés juntos no chão.

Hanabi se levanta e suspira. Depois, dá chutes no ar, alternando as pernas, no ritmo de sua respiração, que vai acelerando aos poucos. Hanabi, então, dá um salto com as pernas agrupadas, encostando os joelhos no peito. Ela pouisa e estica os braços para o alto, depois, para as laterais.

Repete o movimento. Sempre concentrada no movimento dos braços e em sua respiração, que estão cada vez mais intensos.

HANABI

Nunca para frente. Sempre para o
ALTO!

Hanabi explode em energia, abre a tenda com agilidade e sai correndo para o lado de fora.

3 EXT. VILA DO PRESENTE / AMANHECER

Hanabi corre pela Vila do Presente. Seus joelhos sobem até o nível do peito e os pés afundam na areia dando impulsos para o alto. Ela desliza e passa em frente à primeira tenda mais próxima da sua.

Em uma estranha sintonia, QUINGU, garota de 13 anos, um pouco mais baixa que Hanabi, de cabelos curtos e castanhos, também com linhas pintadas no rosto, sai de sua tenda logo após Hanabi passar. Quingu corre da mesma maneira que Hanabi. Elas se juntam em uma fila e continuam o trajeto, Hanabi guia o caminho. Quingu segue a amiga.

Hanabi e Quingu ainda correm pela paisagem árida. O sol sobe lentamente no céu iluminando a Vila de um jeito gradual. Conforme a luz se intensifica, aumenta a movimentação de aldeões no lugar. Podemos ver como alguns aldeões se preparam para começar o dia.

Hanabi e Quingu passam por um trio que faz um aquecimento em frente às suas tendas. Depois, elas cruzam com alguns outros aldeões que correm pelo ambiente como elas. Há também aldeões cansados que, sentados na areia, apenas olham em direção à Montanha.

Hanabi e Quingu passam por todos eles evitando qualquer tipo de interação.

Hanabi e Quingu, agora lado a lado, continuam a correr. Elas estão cada vez mais próximas da Montanha Invertida, que vai ficando maior conforme as duas se aproximam.

Quingu olha para Hanabi, que retribui o olhar. Elas sorriem animadas. É possível ver o suor em seus rostos e ouvir a respiração ofegante.

A Montanha agora está muito próxima. Vemos detalhes de plantas, árvores e palmeiras que brotam por todos os lados. Quanto mais alto e longe do chão, mais verde a Montanha se torna. Portanto, quanto mais próximo ao solo, ela é mais parecida com a paisagem árida por onde as duas personagens transitam.

4 EXT. SOPÉ DA MONTANHA INVERTIDA / MANHÃ

Hanabi e Quingu chegam à base da Montanha. Agora, é possível ver que ela possui buracos espalhados em alturas diferentes. Cada buraco serve de entrada para um dos vários patamares que existem dentro da Montanha.

A entrada do patamar mais baixo fica no nível do chão. É uma caverna pequena e estreita. Perto dela, o chão é seco e com uma areia suja que se mistura à terra do interior da Montanha, como se alguém tivesse saído por ali arrastando terra para a parte externa. Hanabi e Quingu chegam perto correndo, mas ignoram essa entrada e continuam em frente.

Hanabi e Quingu se aproximam da entrada do SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA, cerca de três metros de distancia do chão. Há outros dois aldeões e eles saltam para entrar pelo buraco da entrada. Um deles consegue passar pelo buraco, já o outro falha e cai no chão.

Hanabi e Quingu, ainda no pique da corrida, saltam com os braços esticados em direção ao solo. Empurram o chão para ganhar impulso. Elas conseguem lançar seus corpos para dentro do buraco. O aldeão desconhecido é deixado para trás, caído.

5 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - TRILHA / MANHÃ

O lugar é imenso, sua vegetação é parecida com a área exterior da montanha, há alguns cactos e palmeiras. Hanabi e Quingu estão paradas ofegantes próximo à entrada. Três outros aldeões passam por elas e pulam para dentro do buraco de entrada, eles não interagem com as garotas.

HANABI

Quingu... O seu salto... Ele foi...
Muito bom dessa vez.

QUINGU

Por um momento... Achei que eu...
Não fosse conseguir.

Elas retomam o fôlego e caminham, seguindo uma trilha. O lugar possui suas próprias leis de gravidade. À medida em que caminham, o que era chão vai aos poucos se transformando em teto e vice-versa. Vemos aldeões ao longe treinando pelas paredes. Eles se alongam e esticam suas pernas para todos os lados.

Elas continuam seguindo a trilha. Caminham agora pelas paredes e passam por um pequeno rio que corre parede acima e deságua em um lago no teto. Perdemos a referência do que é teto e o que é chão. Há um cavalo azul, com a crina muito longa que balança para cima, ele relincha para as meninas.

6 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - BEIRA DO LAGO / MANHÃ

Hanabi e Quingu chegam até TUPA, um garoto de 14 anos que usa o cabelo preso num coque bem alto e também tem linhas pintadas no rosto. Ele está sentado no chão bebendo a água de um coco.

TUPA

Bom dia. Como vocês estão hoje?
Pequenas?

HANABI

Pequena? Aposto que você ainda não alcançou nem a minha altura da semana passada.

Tupa lança um olhar desdenhoso para Hanabi. Quingu e Hanabi sentam junto dele. Quingu parece preocupada.

HANABI (CONT)

Só estou brincando, Tupa. Seremos todos gigantes.

QUINGU

(triste)

Seremos. Mas, Hanabi, não acha que deveríamos ter ajudado aquele vizinho do leste? Parece que se machucou com a queda...

HANABI

Ouvi dizer que ele está terminando seu treino antes do sol poente...

QUINGU

Porque será?

Tupa oferece o coco à elas. Hanabi aceita. Tupa faz uma expressão petulante.

TUPA

Tanto faz. Não me interessa por quem encolhe mais a cada dia.

HANABI

Acho que não se encolhe, só deixa de crescer... Dizem que a Montanha está cada dia mais alta.

TUPA

Como são bobas. Acreditam em tudo que ouvem. Só não me digam que acreditam também que quem vira gigante retorna para nos treinar?

HANABI

Seria incrível!

Tupa revira os olhos.

TUPA

Hahaha... que besteira.

HANABI

Imagine, Quingu. Ser treinada por um gigante?

Hanabi começa a mexer seus braços, fantasiando os movimentos do treino.

QUINGU

É um treinamento muito raro. Dizem que só aconteceu uma vez em toda a história da Vila.

TUPA

Estão acreditando mesmo em outro boato?

Hanabi levanta e começa a se alongar de uma maneira lenta e animada. Ela está fantasiando como seria esse treino. Tupa fica muito incomodado e irritado por ela não dar a mínima para o que ele está falando. Tudo aquilo o deixa nervoso.

HANABI

Será que eles treinam de acordo com o movimento da lua? Leeento e preciso...

Ela caminha esticando as pernas lentamente, muito atenta com cada passo que dá.

QUINGU

Haha, Hanabi! Que engraçado! Esse treino seria divertido.

Quingu se levanta e começa a imitar como Hanabi está se alongando e andando pelo lugar.

HANABI

Quando a lua está cheia, treinamos a parte da cabeça.

Hanabi gira a cabeça lentamente enquanto abre os olhos e a boca. Quingu tenta imitar, mas não consegue parar de rir.

Tupa suspira alto com desdém.

QUINGU

Será que eles treinam a noite? Acho que treinam pela manhã quando as formigas pegam as pedras do chão.

Hanabi e Quingu procuram por formigas no chão.

QUINGU (CONT)

Olha Hanabi, carregam pedras maiores que elas mesmas.

HANABI

Quingu, quem é gigante não olha para o chão, apenas para cima! Formigas são muito pequenas. Talvez algo maior...

QUINGU

Como os pássaros que vivem pela Montanha?

HANABI

Sim! Dizem foram eles quem ensinaram os habitantes de Lá a serem gigantes.

TUPA

Vocês duas são mesmo bobas... Esses pássaros podem acabar com a gente em um segundo. Eles não treinaram ninguém.

HANABI

Talvez não tenham treinado, mas, podem ter sido a inspiração para o treinamento.

Hanabi começa a correr pelo lugar dando pequenos saltos enquanto agita os braços.

Ela vai até um coqueiro e sobe com agilidade nele. Usando suas pernas para enlaçar o tronco e seus braços para subir mais alto. Quando chega a uma altura razoável, Hanabi solta os braços e fica presa apenas pelas pernas, com os braços e a cabeça em direção ao chão.

QUINGU

Isso parece mais com um morcego que um pássaro!

Hanabi desce do coqueiro rindo. Quingu se junta a ela rindo também.

Hanabi olha para o coqueiro que acabou de subir, de repente, sua expressão muda. Seu olhar começa a desfocar, ela fica sonolenta e cambaleante. Então, cai no chão dormindo profundamente.

QUINGU (CONT)

Hanabi?

Quingu vai até a amiga e tenta acordá-la. Mas não consegue. Tupa começa a rir.

QUINGU (CONT)

Tupa, não ria. Isso é muito sério. Ela sempre dorme durante os treinos. Não entendo como pode ter tanta energia e foco, mas de repente estar dormindo sem se importar com nada.

Quingu parece desanimada e confusa. Se sente mal pela amiga, e não sabe o que fazer. Tupa se aproxima de Quingu e agacha ficando na linha dos olhos dela.

TUPA

Quingu, minha amiga. Hanabi não está preparada para ajudar você. Ela acredita em tudo que ouve, confia em tudo que vê. Você deveria treinar comigo. Eu sei que serei o primeiro a gigantuar.

Tupa estende a mão para Quingu e a levanta.

TUPA (CONT)

Vamos? Ela não pode fazer muito por você...

Quingu olha para Hanabi com preocupação. Tupa insiste.

TUPA (CONT)
Ou vai ficar sempre esperando por
ela?

Quingu olha para Tupa intimidada. Ele responde o olhar de um
jeito acolhedor.

TUPA (CONT)
Vamos! Está ficando tarde.

Quingu, ainda com alguma hesitação, o segue.

7 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - TRILHA / MANHÃ

Tupa e Quingu correm pela trilha em direção à saída.

Todos os outros aldeões também começam a se organizar para ir
embora.

O lugar aos poucos se esvazia. Até os animais que lá habitam
se retiram para dentro de suas tocas e ninhos.

SEQ 2 - HANABI TREINA SOZINHA

8 EXT. VILA DO PRESENTE - TENDA DE TUPA / DIA

Tupa, Quingu e mais dois outros aldeões amigos de Tupa estão treinando juntos. Tupa comanda com bastante autoridade os movimentos que eles fazem. Eles esticam as pernas e chutam para o alto, de uma maneira rápida e curta.

TUPA

Um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro. MAIS ALTO.

De repente os Pássaros retornam para dentro da Montanha voando. Quingu para de treinar e observa aflita.

TUPA (CONT)

Volte para a sua posição. Não podemos parar.

QUINGU

Tupa, Hanabi ainda não retornou.

TUPA

Estamos no meio de um treino.

Quingu engole sua preocupação. E retorna ao treino com uma expressão amargurada.

INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - LAGO / dia

Hanabi está estendida no chão, dormindo. Ela está só.

O SOM DO PIO de um pássaro surge forte e ecoa pela Montanha.

Hanabi acorda de repente com o barulho. Assustada, ela olha ao redor. Não há mais ninguém por ali.

HANABI

Quingu? Quingu?

Percebendo estar sozinha. Ela se levanta lentamente, enquanto suspira infeliz.

Já em pé, Hanabi tenta se consolar fechando os olhos e respirando profundamente. Ela bota a mão na cabeça, como se sentisse dores.

O SOM DO PIO retorna, agora mais forte. Hanabi leva um susto. De uma maneira atenta, ela começa a correr para longe dali.

9 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - CHÃO FURADO / MANHÃ

Hanabi sobe saltando um grande aclive de pedras amontoadas. Está muito concentrada em suas ações.

Ela chega ao topo. Ouvimos novamente o SOM DO PIO dos Pássaros. Hanabi, com muita precisão, agacha e cobre sua cabeça com seu chapéu, tentando se camuflar entre as pedras.

O bando de Pássaros Enormes passa voando por cima de sua cabeça. Em pleno voo, eles fazem um círculo no ar e descem a inclinação de pedras.

Hanabi confere devagar se todos já passaram. Ela salta e pousa em uma postura pronta para continuar a caminhada. Hanabi segue o caminho aos pulos.

Hanabi chega ao CHÃO FURADO. O solo está rachado e quebrado em algumas partes. Conseguimos ver um pouco do que há embaixo dele, ou seja, no patamar inferior há muitos metros de distância. Ela não dá muita atenção a isso, desvia com facilidade dos buracos.

Hanabi salta em uma cajazeira, o galho chacoalha com o peso da garota. Um cacho de pequenos cajás cai no chão.

Plano detalhe dos cajás se desprendendo do cacho e rolando por entre os vãos que há no chão furado. Ouvimos o som dos cajás caindo, eles demoram um tempo que denuncia a diferença de altura entre os patamares. Quando caem, fazem um SOM DE SPLASH, como se caíssem na água, seguido de algumas VOZES ABAFADAS vindas do patamar inferior.

Hanabi suspira por ter perdido os cajás. Mas vê um cacho maior no galho de cima.

Hanabi desce da cajazeira carregando o cacho.

10 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - TRILHA / DIA

Hanabi corre pelas trilhas. Sempre que ouve o SOM DE UM PÁSSARO, ela se agacha e se camufla entre as pedras usando seu chapéu.

11 EXT. VILA DO PRESENTE / DIA

Hanabi caminha em direção à sua tenda jogando os cajás um a um para cima e tentando abocanha-los no ar. Ela tenta alturas variadas e se estica para alcançar as frutas. Está muito concentrada. Hanabi joga o último cajá mais alto que os outros. Estica todos os músculos de seu corpo, a fruta desliza para dentro de sua boca.

Hanabi cospe o caroço para longe. Dá um gritinho entusiasmado e começa a correr bem rápido.

Ela atravessa a Vila correndo, até chegar em sua tenda.

12 EXT. VILA DO PRESENTE - TENDA DE HANABI / DIA

Hanabi treina com muita energia em frente à sua tenda. Ela salta bem alto até que metade de seu corpo ultrapasse a altura da construção.

Em uma tenda vizinha, outro aldeão repete um treino parecido.

Quando Hanabi e o vizinho ultrapassam a altura de suas respectivas tendas, eles se encaram e há uma rivalidade no ar.

Hanabi dá gritinhos entusiasmados, na tentativa de intimidar seu vizinho, que responde com sons estranhos que surgem da sua respiração.

Hanabi continua sua sequência de saltos, chutes e alongamentos. O dia passa por ela rapidamente.

13 EXT. VILA DO PRESENTE - TENDA DE HANABI / ANOITECER - NOITE

Hanabi esta em frente a sua tenda ofegante, ela começa a diminuir o ritmo de sua respiração aos poucos encerrando o treino do dia. Ela se senta no chão com as pernas cruzadas e as costas eretas e começa a repetir seu mantra lentamente e tentando acalmar sua respiração.

HANABI

Nunca partir. Sempre ficar. Nunca
para frente. Sempre para o alto.

Ela começa uma sequencia de alongamentos na areia. Estica os braços, as pernas, alonga as costas e o pescoço.

Ela para de alongar e olha para a areia, já é praticamente noite. Então, ela olha ao redor.

Plano ponto de vista de Hanabi. Por toda a Vila, os aldeões em duplas ou em pequenos grupos acendem fogueiras em frente à suas tendas. Tudo começa a ficar iluminado.

Hanabi, sozinha e na escuridão da noite, volta a olhar para o chão. Ela está muito triste.

14 EXT. VILA DO PRESENTE / NOITE

Plano geral da Vila. Vemos as tendas com fogueiras e aldeões sentados em frente à elas. A menor fogueira é a de Hanabi, ela é a única que está sozinha.

Hanabi está sentada na areia, ela segura uma cumbuca de cerâmica com comida dentro. Ela encara a comida cabisbaixa, parece estar gelada. Há uma cumbuca maior próximo à fogueira, com comida quente. Hanabi está sem apetite. Ela apenas devolve a comida de suas mãos para o recipiente maior. Hanabi dobra os joelhos e os abraça.

Plano geral da Vila. Aos poucos, os outros aldeões começam a apagar suas fogueiras e se retiram para dentro de suas tendas. Hanabi fica por último.

15 INT. TENDA DE HANABI / NOITE

Hanabi se prepara para dormir. Ouvimos o SOM DE GRILOS no lado de fora da tenda.

Hanabi fecha sua tenda. Ela deixa apenas uma fresta aberta.

Hanabi sobe em seu trapézio e agilmente encaixa seus tornozelos, escorrega para baixo e fica suspensa, dependurada com a cabeça para baixo.

Hanabi, ainda pendurada, olha pela fresta que deixou aberta.

Plano Ponto de Vista de Hanabi. Vemos a Montanha centralizada pelo vão da tenda. Como Hanabi está pendurada de cabeça para baixo, a Montanha Invertida está ao contrário e agora ela se parece com uma montanha comum. O céu, porém, está ao redor de sua base e o chão em seu topo. As estrelas brilham e há o som de uma leve brisa que balança as árvores da montanha.

Hanabi começa a cair no sono.

HANABI

Nunca para frente, sempre para o
alto. Nunca partir... sempre
ficar...

Hanabi dorme um sono profundo.

16 EXT. VILA DO PRESENTE / NOITE

Plano geral da Vila do Presente com a grande Montanha Invertida no centro. O céu está limpo e estrelado.

Os Pássaros Enormes retornam para dentro da Montanha.

INTERTÍTULO: ESCONDERIJO DOS GIGANTES

DISSOLVE PARA O PRETO

CORTA PARA

SEQ 3 - BONJONGO E HANABI SE ENCONTRAM

17 EXT. VILA DO PRESENTE / NOITE

Na silenciosa Vila do Presente, ouvimos um SOM METÁLICO e MECÂNICO que surge abafado, lento e distante em um ritmo frequente, como passos pesados.

As tendas individuais, espalhadas pelo local, tremulam com a passagem do vento que ASSOBIA, um som mais forte que o dos estranhos passos. A luz da lua ilumina tudo.

CORTA PARA

18 EXT. DUNA / NOITE

A silhueta de BONJONGO, alta, irregular e bronca, surge no meio de uma paisagem dominada pela areia.

O som estranho que na Vila se ouvia fraco, aqui está forte. É o som do caminhar de Bonjongo, a criatura misteriosa.

O vento forte e frio passa por Bonjongo, SILVANDO. Porém, Bonjongo, o viajante desconhecido, não se abala com ele.

Plano Geral mais aproximado de Bonjongo. Vemos Bonjongo com mais clareza. Ele caminha apoiado em um longo cajado de bambu.

Vemos o rastro de suas pegadas sumindo aos poucos com a força do vento que empurra a leve areia da duna. A duna é alta, conseguimos ver a Montanha Invertida ao longe.

Bonjongo para de andar. Silêncio. Ele olha para a Montanha por alguns segundos.

Bonjongo volta a caminhar. O SOM ENFERRUJADO de seu andar retorna. Ele está indo em direção à Vila do Presente.

19 INT. TENDA DE HANABI / NOITE

Hanabi dorme tranquila, mas o SOM DOS PASSOS de Bonjongo se aproximando começa a ficar mais forte a ponto de desperta-la. Hanabi tenta continuar dormindo.

Ouvimos alguns aldeões caminhando pela vila e comentando a chegada de Bonjongo. Hanabi fica incomodada com o barulho. Ela desce de seu trapézio irritada e sai andando sonolenta pela Vila.

20 EXT. VILA DO PRESENTE / NOITE

Muitos aldeões estão acordados. Eles se amontoam para comentar o que veem.

Bonjongo caminha perdido pela Vila. Agora é possível perceber seu tamanho gigantesco, um pouco mais alto que as tendas.

Enquanto alguns aldeões tentam chegar perto para investigar, outros permanecem afastados e expressam indignação.

ALDEÃO 1

(irritado)

Ótimo! Só porque gigantuu vem aqui estragar nosso sono?

(grita para Bonjongo)

EU AINDA TENHO QUE TREINAR AMANHÃ!
PRECISO DORMIR!

ALDEÃO 2

(curioso)

Talvez ele tenha desistido de viver
Lá...

Hanabi surge no meio dos outros aldeões. Ela olha para Bonjongo e seus olhos brilham.

Bonjongo anda sem rumo, recua, vai em outra direção. Não sabe para onde ir.

ALDEÃO 3

Não pode ser...

(animado)

talvez esteja solitário e queira
nos ensinar a gigantuar!

Hanabi nem pisca diante de tanto encantamento e admiração.

HANABI

(falando baixo, para si)

Nos ensinar... a gigantuar?

ALDEÃO 2

Ele não parece muito interessado em
nós...

Bonjongo para diante dos aldeões que o observam curiosos. Ele estica seu longo cajado de bambu em direção a plateia de aldeões, que recua assustada.

ALDEÃO 1

(nervoso)

ISSO É UMA ARMA?!

Bonjongo percebe a reação negativa dos pequenos desconhecidos. Ele tenta recolher rápido seu cajado, mas esbarra em uma tenda que está ao seu lado. A tenda entorta, quase desmanchando.

Bonjongo, se aproxima para consertar. De um jeito muito desengonçado, ele acaba destruindo ainda mais a tenda.

Os aldeões suspiram assustados.

ALDEÃO 3

Ele não veio nos ajudar, nem sabe como...

Os aldeões se dispersam e voltam para as suas respectivas tendas.

Hanabi permanece parada onde está, com a mesma expressão de encantamento. Ela não consegue olhar para outra coisa que não seja Bonjongo. Ele permanece, de frente para ela, encarando.

Eles se observam por alguns segundos, enquanto ouvimos os outros aldeões se afastando e seus sons ficando cada vez mais distantes.

Silêncio. Bonjongo e Hanabi continuam se encarando, agora sozinhos.

HANABI

Hanabi!

Hanabi faz uma pose com os braços erguidos em um ângulo agudo. Uma forma de cumprimento.

Ela saúda Bonjongo com as mãos. Ele permanece da mesma forma.

HANABI (CONT)

Ha... na... bi!

Hanabi repete o mesmo gesto mais lentamente. Bonjongo, novamente, não reage.

HANABI (CONT)

(decepcionada)

Você não me entende.

Bonjongo estende seu cajado para Hanabi. Ela recua tentando disfarçar que sentiu um pouco de medo.

HANABI (CONT)

(mais decepcionada)

Acho que eu também não te entendo...

Um vento passa por eles, Hanabi sente um arrepio e treme.

Frustrada, Hanabi retorna à sua tenda, mas agora ela está destruída. Foi a tenda que Bonjongo destruiu sem querer.

Ela tenta erguê-la e não consegue. O vento da noite briga contra seus esforços.

Hanabi cansa de tentar e se senta no chão. Bonjongo permanece em pé, observando a garota.

Hanabi olha para sua vizinhança. Seu rosto está cansado e ela está prestes a chorar.

HANABI (CONT)

Acho que preciso de ajuda.

Nesse momento, Bonjongo se vira para ficar de frente para Hanabi. Ela vira seu rosto para olhar.

HANABI (CONT)

Ajuda...

Bonjongo, mais uma vez, estende seu cajado para Hanabi. Dessa vez, a ponta da longa vara de bambu fica na altura dos olhos dela.

HANABI (CONT)

(pensativa)

Você também precisa de ajuda.

Ela encara a ponta, que lembra uma colher funda.

Plano Ponto de vista de Hanabi. O objeto é oco por dentro. Uma gota d'água desce escorregando de dentro do bambu e pinga na areia seca.

A expressão de Hanabi muda, como se entendesse Bonjongo. Ela dá um salto entusiasmada.

HANABI (CONT)

Mas é claro que você precisa de ajuda! Você não veio de Lá! Você só está perdido aqui e tem sede! Porque não disse antes? Para conseguir água você faz assim.

Hanabi dá um salto e faz uma pose engraçada. Ela faz indicações com as mãos para Bonjongo. Ele olha para ela, sem entender nada.

HANABI (CONT)

Anda 346 passos no sentido do seu nariz.

(MAIS)

HANABI (CONT)

Depois, mais 55 no sentido do teu braço direito. Dá o salto do gato pintado, que vai fazer você entrar na caverna. Lá dentro, você segue os fios dos pêlos azuis do cavalo embaraçado. Aí, você vai chegar num lago, não bebe a água desse lago não! É muito ruim, MESMO!

Ela se aproxima de Bonjongo, como quem conta um segredo.

HANABI (CONT)

(sussurrando)

E dizem que encolhe.

Hanabi volta a falar fazendo mímicas.

HANABI (CONT)

Aí, você nada um pouco até chegar na correnteza que vai te levar pra um tobogã, ali tem uma água melhorzinha. Não é das melhores, mas dá pro gasto, viu?

Bonjongo permanece calado. Ele apenas tomba sua cabeça um pouco para o lado, como se estivesse curioso com Hanabi.

Hanabi olha para as pernas de Bonjongo pensativa.

HANABI (CONT)

(pensativa)

Hmmm se bem que... você é muito alto né?

Hanabi se aproxima de Bonjongo, rodeando.

HANABI (CONT)

De onde você veio? Quanto você mede? Como é seu rosto?

Hanabi toca o cajado de Bonjongo. Ela bate nele com o punho, testando a madeira.

HANABI (CONT)

Foi você que inventou isso? Qual a sua idade? Me ensina a ser gigante? Você consegue tocar as nuvens? Que gosto elas têm?

Hanabi fica pensativa, começa a falar sozinha, devaneando.

HANABI (CONT)

Acho que nuvem não tem gosto, tem?
Tupa diz que não, mas as vezes
duvido que ele saiba mesmo tanto
sobre tudo.

Ela volta para si e retorna a falar com Bonjongo, o
circundando outra vez.

HANABI (CONT)

Acho que a quantidade de pés que eu
uso para chegar até a água não
funcionaria com você. Suas pegadas
são imensas, consigo ver as marcas
na areia. Você tem dor nas juntas?

Bonjongo se irrita com o falatório e sai andando para outra
direção.

Hanabi corre atrás dele.

HANABI (CONT)

Espere! Eu posso pegar água para
você.

Sem esperar resposta, Hanabi salta ágil e com facilidade
sobre o cajado de Bonjongo. Ele solta o objeto, que tomba com
o peso de Hanabi. Antes do cajado cair no chão, Hanabi pousa
e o segura.

HANABI (CONT)

(virando para Bonjongo)

Ei! Me ensina a gigantuar?

Bonjongo olha para ela e parece não compreender. Hanabi
ignora a falta de resposta e corre em direção à Montanha
Invertida carregando o cajado.

21 EXT. VILA DO PRESENTE / AMANHECER

O sol nasce lentamente. Alguns aldeões iniciam a rotina de
exercícios.

Bonjongo está mexendo nos restos daquilo que já foi a tenda
de Hanabi. Ele levanta a lona, tenta fincar a vara de
sustentação, mas acaba sempre fracassando, e a tenda volta a
desmoronar.

Os aldeões que passam por Bonjongo olham curiosos, mas tentam
ignorar e seguir em frente. Todos tentam viver um dia o mais
normal possível.

Hanabi chega caminhando devagar, ela traz em suas costas o cajado de bambu, carregado de água.

Com a luz do dia, conseguimos ver mais detalhes de Bonjongo. É uma criatura gigante, muito alta. Possui pernas que lembram torres metálicas de rádio. Seu tronco e braços são um aglomerado de objetos, alguns que Hanabi nunca viu antes. Tem muita ferrugem e sujeira pelo corpo. Sua cabeça lembra um pote de cerâmica coberto de lodo.

Hanabi levanta o bambu. Bonjongo rapidamente se abaixa fazendo com o que seu rosto fique na altura de Hanabi. Ela derrama a água em um dos buracos do rosto de cerâmica dele, onde ela imagina ser sua boca.

Bonjongo termina de beber a água, deita na areia e fica imóvel, esgotado.

Hanabi coloca o cajado no chão, ao lado dele.

Hanabi está muito cansada, com olheiras em seu rosto, mas, começa seu treino ali mesmo.

SEQ 4 - ACOSTUMAR COM O OUTRO

22 EXT. VILA DO PRESENTE / DIA

Bonjongo desperta com o calor do sol queimando seu corpo. A areia ao seu redor ferve.

Ele se senta de um jeito mole, ainda sonolento e desnorteado pelo calor. Ouvimos a respiração de Hanabi enquanto ela treina ali ao seu lado.

Bonjongo consegue focar melhor sua visão e mira para ver Hanabi.

Plano ponto de vista de Bonjongo. Hanabi treina muito cansada, seus saltos já não estão tão altos e suas poses não são tão precisas.

Hanabi percebe que Bonjongo a observa, ela para de treinar e se vira para ele.

HANABI

(ofegante)

Olá. Não posso perder mais tempo,
tenho que ser gigante.

Ela volta a treinar, com mais intensidade.

Bonjongo se levanta, cambaleia e olha para o céu. O sol brilha escaldante.

Hanabi de repente cai de joelhos na areia.

Bonjongo se aproxima dela e toca em seu ombro. Hanabi vira para olhar. Eles se encaram. Ambos estão exaustos e sufocados pelo calor.

HANABI (CONT)

Tenho uma ideia.

Eles saem andando pela Vila. Os aldeões treinam dentro de suas tendas protegidos do sol. Alguns param o treinamento e espiam, pela abertura da lona, Hanabi e Bonjongo passar.

23 EXT. SOPÉ DA MONTANHA INVERTIDA / DIA

Hanabi e Bonjongo chegam próximo à abertura do segundo patamar da Montanha.

Bonjongo precisa ficar um pouco curvado pois, ali, a Montanha é mais baixa que ele.

Hanabi está muito cansada, ela tenta realizar o seu salto. Não consegue alcançar a altura necessária para passar pelo buraco. Ela aterrissa no chão e fica olhando para a abertura, seus olhos enchem de lágrimas.

HANABI

Eu encolhi...

Bonjongo pega Hanabi e coloca a garota sobre os ombros.

Ele vai até a entrada, carregando ela, e fica em pé através do buraco. Estica seus braços para dentro da montanha e escala as paredes do buraco. Ele passa para a parte interna rapidamente e de uma forma bruta. Hanabi se empolga e sorri.

24 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA / DIA

O local está mais vazio que de costume. Apenas alguns aldeões caçam pequenos animais ou relaxam sentados no chão.

Bonjongo observa o local atento enquanto Hanabi desce do corpo dele e chega ao solo.

HANABI

Você vai me ensinar a gigantuar!?

Bonjongo sai andando pelo interior da montanha. Hanabi o segue com disciplina.

Bonjongo mexe em algumas plantas.

Bonjongo olha pelas paredes.

Experimenta o gosto da terra.

Vasculha o local com interesse.

Tudo que Bonjongo faz, Hanabi imita.

25 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - CHÃO FURADO / DIA

Bonjongo e Hanabi estão na área onde o chão está se desfazendo.

Bonjongo olha pelos vãos do solo e identifica o lugar há muitos metros embaixo dele.

Plano ponto de vista de Bonjongo. Vemos parte de uma lagoa, algumas pessoas estão em uma jangada de madeira atravessando-a.

Os SONS DAS VOZES E DA ÁGUA CORRENDO, que vêm lá de baixo, deixam Bonjongo arrepiado. Ele se levanta e sai.

Hanabi aparece atrás dele, e se agacha exatamente no lugar onde Bonjongo estava.

Quando Hanabi vai olhar pelo vão, ela recua, desistindo. Faz uma cara aflita. Se levanta e volta a seguir Bonjongo.

26 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - LAGO / DIA

Os dois chegam ao pequeno lago onde o cavalo azul de crinas longas vive.

Bonjongo se empolga ao ver a água e corre para dentro do lago. Hanabi paralisa aflita.

Bonjongo, com água até o que podemos chamar de seu tórax, relaxa. Sua respiração é calma e tranquila, ele está se sentindo muito bem.

Hanabi vai até a margem do lago e se concentra nos seus passos. Relutante, ela enfia seu pé direito na água.

HANABI
(para si)
Coragem, Hanabi. É só um
treinamento diferente. Vai te fazer
bem.

Ela aspira o ar com força e enfia os dois pés na água de uma vez. Ela olha para eles. Um cardume de peixinhos nada até os pés dela e os circundam. Ela pisca seus olhos rapidamente.

HANABI (CONT)
Não machucou...

Hanabi entra na água. Ela nada até Bonjongo e sorri.

HANABI (CONT)
Acho que ninguém aqui sabe que
nadar ajuda a crescer. Eu nunca
tinha pensado nisso.

Bonjongo coloca sua mão direita embaixo dos pés de Hanabi, de um jeito que ela consegue se apoiar e ficar em pé.

Com a mão esquerda, ele empurra o corpo dela. Hanabi fica deitada na água, agora com as costas em cima da mão direita de Bonjongo. Ela estica os braços e as pernas. Bonjongo lentamente retira sua mão debaixo dela, e Hanabi começa a boiar na água muito concentrada.

Bonjongo pega Hanabi, ainda boiando, pelo tornozelo e anda pelo lago arrastando suavemente a garota pela água.

Os cabelos de Hanabi se enroscam em alguns peixes e ela sente cócegas, mas se concentra para não rir.

Bonjongo anda arrastando Hanabi até onde um rio deságua no lago. Há uma pequena cachoeira, e ele sobe por ela contra o fluxo da água, ainda levando Hanabi, que bóia, pelo tornozelo.

Ele caminha contra a corrente, o fluxo da água massageia o corpo de Hanabi.

Peixes nadam por eles, alguns entalam na estrutura metálica das pernas de Bonjongo.

Hanabi está muito relaxada, quase cai no sono.

27 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - CACHOEIRA / DIA

Bonjongo chega ao fim do rio. Há uma baía e uma enorme cachoeira cai do alto, talvez venha do terceiro patamar, há cerca de vinte metros de altura dali.

Bonjongo vai até a margem e encontra um lugar vazio e confortável na areia.

Ele acomoda Hanabi num banco de areia, que descansa em um sono gostoso.

Bonjongo pega os peixes presos nas ferragens de suas pernas. Ele enfia a mão dentro daquele monte de objetos que carrega pendurados em si e retira uma grande FACA.

Bonjongo corta e limpa os peixes com a faca.

Hanabi acorda e vai rapidamente para perto de Bonjongo. Ela observa atenta ele preparar a comida.

Bonjongo termina de limpar o peixe e se levanta para montar uma fogueira. Ele deixa sua faca suja em cima da areia. Hanabi pega a faca.

Plano detalhe da faca enquanto Hanabi a examina. A areia do chão grudou no sangue do peixe, sujando a lâmina.

Hanabi passa o dedo para retirar o excesso de areia e revela um desenho talhado na lâmina.

Plano detalhe da faca, há a imagem lateral de uma criatura muito parecida com Bonjongo. Seu braço está esticado, como se cumprimentasse alguém. Na frente dele, há um desenho simples de um pessoa, e ela corresponde o cumprimento com o braço também esticado na direção da imagem do Bonjongo. Entre a mão dos dois personagens, há a imagem de uma estrela, com um realce no brilho ao seu redor.

Hanabi olha então para o cabo da faca.

Plano detalhe, o cabo é de madeira, e há diversos símbolos talhados lá. Parecem escritos em diferentes idiomas.

Hanabi gira a faca em todos os sentidos, até que encontra letras em um alfabeto que conhece. Hanabi passa o dedo por elas e começa a ler.

HANABI

Bo... Bon... Bonjo... Bonjongo...

Bonjongo chega perto de Hanabi carregando alguns gravetos e folhas secas. Ele olha para ela. Ela retribui o olhar.

HANABI (CONT)

Bonjongo!

Bonjongo solta as folhas e gravetos no chão, de uma vez. Hanabi solta a faca também e se afasta um pouco. Continua observando Bonjongo.

Bonjongo, sem se importar com ela, prepara a fogueira para assar o peixe. Ela observa curiosa e atenta.

Hanabi suspira. Bonjongo começa a fazer linhas no chão usando a FACA. Hanabi se aproxima para olhar.

O chão de areia está riscado com diversos desenhos complexos feitos por Bonjongo. Temos a paisagem de falésias próximas ao mar, algumas crianças brincam pela praia e há pescadores se preparando. Uma leve brisa passa pelo solo movimentando a areia. O desenho se move um pouco.

Plano detalhe dos olhos de Hanabi que brilham observando os desenhos.

DISSOLVE PARA

SEQ 5 - A FACA DE BONJONGO

28 EXT. PRIMEIRA PRAIA DA FALÉSIA / DIA

Estamos dentro da cena criada pelos desenhos de areia de Bonjongo. As texturas de areia são diversas, assim como suas cores.

Tudo está vivo no desenho, as folhas das palmeiras se movem ao vento e as ondas do mar vem e vão. Ouvimos MAR, o VENTO e VOZES.

CRIANÇAS correm pela praia, brincando entre si.

29 EXT. LABIRINTO ENTRE AS FALÉSIAS / DIA

Entre falésias recortadas que formam um labirinto natural, ouvimos o SOM DO CAMINHAR de Bonjongo. Ele aparece observando o lugar. Há escritos e desenhos nas paredes das falésias. Bonjongo observa atento tudo por onde passa. As falésias são imensas em relação a ele.

30 EXT. PRIMEIRA PRAIA DA FALÉSIA / DIA

Bonjongo chega na praia. Ela é larga e ampla. Bonjongo nem parece gigante diante desse lugar.

Crianças brincam em uma região da praia onde a maré desceu deixando piscinas naturais. Bonjongo vai até elas. As crianças são apenas um pouco menores que ele.

Há a escultura de uma cidade feita de areia no entorno das piscinas. A obra é imensa e cheia de detalhes.

Bonjongo volta a caminhar pela praia.

Bonjongo chega a uma roda de PESCADORES, onde todos limpam e preparam peixes. Os pescadores são todos do tamanho de Bonjongo, alguns até maiores.

Bonjongo se junta à roda. Um dos pescadores entrega uma grande FACA peixeira e um peixe para Bonjongo. O pescador começa a explicar, através de gestos, como Bonjongo deve preparar o peixe.

Tudo que o pescador faz, Bonjongo repete.

Quando os peixes estão prontos, os pescadores colocam o alimento em grande cestas e todos saem andando em fila. Bonjongo segue eles, ainda está segurando a FACA.

A fila de pescadores carregando cestas passa pela escultura da cidade de areia. Bonjongo está logo atrás deles.

Um pescador desatento pisa sem querer em uma parte da escultura, danificando ela.

Bonjongo se separa da fila para ver o estrago de perto.

Plano detalhe dos estragos causados na escultura.

Bonjongo se sente mal. Olha para a escultura com tristeza.

Bonjongo olha para a fila de pescadores, que agora já está distante e segue caminhando até desaparecer.

Bonjongo olha para a praia. Depois, para outro labirinto de falésias recortadas.

Plano ponto de vista de Bonjongo olhando para as falésias. Elas são imensas, convidativas e tem um tom avermelhado muito vivo.

Bonjongo caminha em direção à elas.

31 EXT. LABIRINTO ENTRE AS FALÉSIAS / DIA

Bonjongo caminha entre as grandes falésias sozinho. Ele é minúsculo perto dos paredões de areia.

Conforme caminha, as falésias vão diminuindo.

As falésias diminuem tanto que Bonjongo se torna mais alto que elas.

Conforme Bonjongo se desloca, ele percebe algumas casinhas pequenas feitas de areia espalhadas pelas falésias.

32 EXT. CIDADE DE AREIA / DIA

Ele chega a uma grande cidade construída nas falésias com areia. Apesar da cidade ser grande, as construções parecem ser para pessoas muito menores que Bonjongo.

Caminhando mais para dentro, Bonjongo repara que uma parte dessa cidade está destruída, desmoronada, virou uma grande duna.

Bonjongo olha ao redor e repara que a cidade está abandonada.

Bonjongo sobe com muito esforço pela duna onde um dia foram casinhas e construções.

Bonjongo, em cima da Duna, olha para trás e observa a cidade fantasma de areia.

Bonjongo se vira para o outro lado e vê uma praia. Ele caminha até ela.

33 EXT. SEGUNDA PRAIA DA FALÉSIA / DIA

Bonjongo chega a uma praia muito parecida com a que encontrou os pescadores, mas, dessa vez, tudo parece ser bem menor que ele. O mar é um azul mais claro, parece ser mais raso.

Há crianças brincando pela praia, assim como na praia anterior. As crianças são pequenas. Para essa praia e as pessoas que andam por ela, Bonjongo é gigante.

As crianças correm em direção a ele. Pulam em cima dele. Escalam e se penduram em suas pernas. De forma espontânea, ele já está na brincadeira delas.

As crianças se soltam de Bonjongo e correm para o mar, brincam por lá.

Bonjongo fica só e volta a caminhar pela praia.

Um pouco mais à frente, Bonjongo vê um grupo de pescadores que está saindo do mar. Eles carregam uma rede de pesca vazia, desanimados.

Bonjongo caminha em direção a eles.

As crianças correm por Bonjongo e chegam aos pescadores antes. Eles conversam, mas não conseguimos entender suas falas.

Bonjongo observa e repara que as crianças ficaram tristes ao conversar com os adultos. Bonjongo resolve ajudá-los e caminha decidido para eles.

Ele pega as crianças, uma a uma, e as acomoda em diferentes partes de seu corpo.

Bonjongo caminha com as crianças penduradas em seu corpo pela praia e elas sorriem e fazem sons animados.

34 EXT. MAR / DIA

Bonjongo, ainda com as crianças, entra no mar e caminha para dentro dele. Ele anda muito para chegar a uma certa profundidade, na altura de sua cintura.

Duas crianças saltam dos ombros de Bonjongo para a água fazendo acrobacias.

Bonjongo interage na brincadeira, levanta uma terceira criança bem alto para ela saltar.

Bonjongo arrasta outras duas crianças pelos pés, como fez com Hanabi no rio.

Outras crianças pegam jacaré nas ondas que Bonjongo cria ao se mover.

Eles se divertem.

35 EXT. SEGUNDA PRAIA DA FALÉSIA / DIA

Bonjongo caminha com as crianças, novamente penduradas em seu corpo, pela praia.

Eles chegam até os pescadores que continuam sentados desanimados.

As crianças descem de Bonjongo escalando seu corpo e, por fim, suas longas pernas metálicas. Há peixes presos nas ferragens das pernas de Bonjongo. As Crianças pegam os peixes.

Animadas, elas entregam os peixes aos pescadores.

36 EXT. SEGUNDA PRAIA DA FALÉSIA / ENTARDECER

Os pescadores limpam e preparam os peixes. Bonjongo ajuda usando a sua imensa FACA.

Uma NATIVA se aproxima de Bonjongo e observa ele preparando seu trabalho. Ela estica suas mãos, em um sinal que pede pelo instrumento.

Bonjongo entrega a FACA a ela.

A nativa recebe e observa a faca de perto. Ela tira de seu bolso um pequeno instrumento, senta no chão e começa a trabalhar na faca.

Bonjongo se agacha para olhar.

A nativa talha desenhos na lâmina. O objeto é imenso para a garota, quase metade de seu tamanho. Ela desenha Bonjongo e algo que se parece com outro nativo.

A nativa termina seu trabalho na faca e entrega ela para Bonjongo.

Bonjongo observa seus detalhes.

Plano detalhe da faca.

DISSOLVE PARA

SEQ 6 - TREINAMENTO PARA SER GIGANTE

37 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - CACHOEIRA / DIA

Plano detalhe dos olhos de Hanabi. Ela abre eles lentamente.

Hanabi está deitada na areia, como se tivesse dormido. Ela se levanta e olha para Bonjongo.

Bonjongo está estendendo a faca para entregar à ela. Hanabi segura a faca com as duas mãos, de uma maneira respeitosa. Hanabi está muito pensativa. Ela observa a faca.

O peixe está pronto. Bonjongo retira, da pilha de objetos que carrega, um tubo de couro, uma espécie de recipiente. Ele abre o tubo e puxa de lá uma larga folha de bananeira, que usa para embrulhar o peixe. Ele entrega a comida à Hanabi. Hanabi começa a comer o peixe.

Hanabi gosta do sabor do peixe, começa a comer rápido, devorando a comida.

38 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - TRILHA / DIA

Hanabi e Bonjongo caminham pela trilha em direção à saída. Bonjongo está apressado, caminha na frente como quem quer ir embora. Hanabi o segue atrás, está desanimada e pensativa.

Eles continuam andando até que Hanabi vê um coco vazio no chão. Ela pega a fruta e tem uma ideia. Corre até Bonjongo e entrega para ele. Bonjongo tenta beber a água do coco, mas ele já está vazio, quase seco.

HANABI

Eu sei onde conseguir mais... Bora!

Empolgada, Hanabi assume a liderança e Bonjongo passa a segui-la. Ela muda a rota e pega o caminho que vai em direção ao lago, novamente.

39 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - BEIRA DO LAGO / DIA

Hanabi aponta animada para um cacho de cocos no alto de um coqueiro. Ela tenta subir no coqueiro, mas não consegue, falha rapidamente.

Ao longe, Quingu e Tupa chegam. Hanabi e o gigante não percebem eles, mas eles reparam na presença dela e de Bonjongo, e então ficam observando ao longe.

Hanabi continua tentando subir no coqueiro mas falha.

Quingu fica muito perturbada com o que vê. Ela vai até Tupa desesperada.

QUINGU

O que está acontecendo? Porque ela
está caindo?

Tupa observa com atenção e malícia nos olhos.

Hanabi tenta mais uma vez subir no coqueiro. Quando ela trepa nele, usa suas pernas para enlaçar o tronco. Depois ela afrouxa estrategicamente a pegada, escorregando para baixo. Tupa repara no truque de Hanabi.

TUPA

Quingu, Hanabi está encolhendo!

QUINGU

Não pode ser...

Os olhos de Quingu se enchem de lágrimas. Tupa abraça Quingu, mas continua observando Hanabi de longe.

Depois de várias tentativas de Hanabi, Bonjongo tira um pedaço de juta no meio de seu corpo. Ele entrega o material à Hanabi.

Tupa observa a ação de longe, ele fica intrigado. Afasta Quingu e a olha nos olhos.

TUPA

Temos que ajudar ela. Procure os
outros e me encontrem na Vila.

Quingu acena com a cabeça e vai embora correndo. Ela ainda está com cara de choro.

Tupa se esconde mas permanece observando Hanabi e Bonjongo de longe, atento à situação.

Hanabi olha para o pedaço de juta com os olhos brilhando. Ela rapidamente amarra o material em sua cintura e começa uma série de exercícios ali mesmo.

Bonjongo olha curioso para ela, sem entender.

Bonjongo desenlaça a juta do corpo de Hanabi, faz um laço largo e entrega a ela.

Hanabi usa o laço de diversas maneiras em movimentos repetitivos. Ela puxa suas pernas para cima. Estica seu corpo.

Bonjongo interrompe a garota e olha para os coqueiros, indicando sua verdadeira intensão com o laço de juta.

Hanabi olha para o coqueiro, olha para Bonjongo e entende a situação. Ela analisa o laço de juta e então, coloca nos pés. Ela usa o laço para se prender melhor ao coqueiro, sobe ao longo de seu tronco rapidamente e pega um coco no topo.

Hanabi se empolga com a ação e retorna a realiza-la algumas outras vezes, cada vez mais rápido.

Escondido, Tupa ainda está observando Hanabi e Bonjongo. Com uma expressão séria e decidida, ele vai embora correndo.

MOMENTOS DEPOIS

Bonjongo está deitado no chão relaxando ao lado de uma pilha de cocos, ele saboreia a água de um deles.

Hanabi ainda está pegando mais cocos. Ela começa a ficar cansada.

Bonjongo se levanta e resolve brincar com a garota. Hanabi, prontamente, vai até ele e presta atenção.

Bonjongo balança sua cabeça para os lados. Hanabi faz igual. Depois, ele mexe a cintura. Ela imita rigorosamente.

Ele continua brincando com Hanabi, mas ela não percebe, acredita que aqueles movimentos a tornarão gigante. Bonjongo está se divertindo.

Bonjongo faz um movimento muito rápido, se desequilibra e cai no chão.

Hanabi permanece em pé, em equilíbrio, fazendo movimentos com os braços.

HANABI
(concentrada)
Gigantuar, a arte de se tornar
gigante.

Hanabi faz uma longa reverência para Bonjongo. E se joga no chão como ele.

SEQ 7 - TEMPESTADE

40 EXT. SOPÉ DA MONTANHA INVERTIDA / DIA

Bonjongo e Hanabi saem de dentro da Montanha. Hanabi está animada, ela ri sozinha.

HANABI

Hoje foi muito bom! Mas estou muito cansada, talvez amanhã eu consiga treinar melhor...

Bonjongo e Hanabi se encaram por uns segundos. Bonjongo está sério. De repente, ele tira o pedaço de juta de Hanabi e guarda em si. Depois, ele estende sua mão, num cumprimento de despedida. Hanabi fica triste.

HANABI (CONT)

Fica Bonjongo, me ensina a gigantuar.

Bonjongo não se move. Um vento forte passa por eles. Hanabi está mais triste ainda.

HANABI (CONT)

Você não entende nada que eu digo?

Hanabi acena com as mãos, chamando Bonjongo.

HANABI (CONT)

Vamos, eu te mostro...

Eles circundam a montanha e chegam ao outro lado.

Hanabi, posicionada em frente à Bonjongo, faz mímicas tentando explicar suas palavras.

HANABI (CONT)

Bonjongo, eu, Hanabi, tenho que virar gigante.

Bonjongo presta atenção em Hanabi. O vento continua a soprar. Ela aponta para Bonjongo e gesticula com mão indicando sua grande altura.

HANABI (CONT)

Gigante assim como você.

Hanabi olha em volta em direção às tendas e Bonjongo faz o mesmo.

HANABI (CONT)
(fora de quadro)
Essa é a Vila do Presente. Esse é o
meu povo, nós vivemos aqui.

Plano Ponto de Vista de Bonjongo. Vemos a Vila com suas
tendas individuais espalhadas pela areia. Os aldeões
finalizam seus treinos e caminham para suas casas.

HANABI (CONT)
Nós treinamos todos os dias para
gigantuar.

Hanabi faz uma rápida demonstração de suas sequencia de
treinos. Ela salta alto no ar e pousa.

HANABI (CONT)
Quando virarmos gigantes, como
você, Bonjongo, vamos conseguir
chegar Lá.

Hanabi aponta para o alto da Montanha.

HANABI (CONT)
Lá. A Vila do Futuro.

Bonjongo olha para onde Hanabi aponta.

Plano Ponto de Vista de Bonjongo. Vemos uma entrada cavernosa
no patamar mais alto da montanha a algumas centenas de metros
de altura de onde eles estão. Ali é bastante verde.

Bonjongo volta a olhar para Hanabi. O vento sopra por Hanabi
e os cabelos dela começam a dançar para cima.

HANABI (CONT)
Bonjongo, tente me entender...

Hanabi olha para seus cabelos dançantes tentando ajeitar
eles. E, então, volta a olhar para o patamar mais alto da
Montanha.

HANABI (CONT)
A Vila do Futuro é muito
misteriosa. Ninguém nunca viu ela.

Os cabelos de Hanabi dançam com o vento. As mechas se embolam
e se separam.

HANABI (CONT)
É da época que o sobrinho da neta
da minha filha que nem nasceu
ainda. É a vila dos que não vieram.

Algumas mechas do cabelo de Hanabi passam em seu rosto enquanto ela fala como se brincassem com ela. Brincam com seu nariz, depois com suas bochechas e passam por seus cílios.

HANABI (CONT)

Todos querem saber o que tem nessa Vila que ainda não chegou.

Os cabelos voltam a dançar em direção ao céu. Hanabi olha para Bonjongo com um olhar suplicante.

HANABI (CONT)

Bonjongo, não vá! Fica.

Bonjongo começa a andar, ele vai em direção à Hanabi.

O vento está cada vez mais forte.

Ele para ao lado dela e acaricia sua cabeça. As mechas dançantes dos cabelos de Hanabi voltam ao normal.

Bonjongo volta a andar. Agora, se afasta, vai embora.

Hanabi fica parada olhando Bonjongo ir embora. O vento está forte.

HANABI (CONT)

(falando para si)

Nunca para frente. Sempre para o alto. Nunca partir. Sempre ficar.

Hanabi olha para a entrada da Vila do Futuro.

HANABI (CONT)

Sempre para o alto, em busca da Vila que não veio.

Hanabi se vira e também vai embora, mas em direção à sua tenda, no sentido oposto ao de Bonjongo.

41 EXT. VILA DO PRESENTE / DIA

Tupa aparece de repente. Hanabi para em frente a ele, e o encara de forma dura.

TUPA

Hanabi.

HANABI

Tupa.

TUPA

Ele finalmente partiu? Já era hora,
ou eu mesmo teria que mandá-lo para
a Vila do Passado.

Hanabi fica aterrorizada com as palavras de Tupa, ela arrepia
de aflição. Sem conseguir responder, ela segue seu caminho
calada. Tupa vai atrás.

TUPA (CONT)

Estou treinando com Quingu. Você
deveria vir conosco.

Hanabi continua a caminhar decidida. O vento ainda sopra cada
vez mais forte.

TUPA (CONT)

Hanabim, está complicando tudo. É
para o seu bem.

HANABI

Não pode dizer isso...

TUPA

Como é fraca.

Hanabi se esgota. Vira para Tupa explodindo.

HANABI

E irá fazer o que? Me descartar na
Vila do Passado? Me jogar na Lagoa?

TUPA

Hanabi, pense o que é melhor para
você.

Um vento carregado de areia atinge os dois. Tupa olha
assustado para o céu.

TUPA (CONT)

Reflita. Preciso ir. Uma tempestade
vem aí.

Tupa segue seu caminho e Hanabi caminha rumo à sua tenda.
Eles se esforçam para andar contra o vento.

42 EXT. VILA DO PRESENTE / DIA

Bonjongo caminha entre as tendas mais distantes da Montanha
Invertida. O vento está muito forte. Ele anda com as mãos
erguidas, tentando resistir à força da areia.

Alguns aldeões correm para se abrigar em suas tendas.

Bonjongo continua andando. Ele olha para o céu. Há um nuvem negra vindo em direção a ele. Ouvimos o som de raios distantes e um relâmpago chicoteia rápido e agressivo no ar. Bonjongo é minúsculo perto da tempestade que se aproxima.

Bonjongo começa a correr na direção oposta.

CORTA PARA

Hanabi tenta armar sua tenda com pressa. Ela está aflita e nervosa

MONTAGEM ALTERNADA

COM BONJONGO

Bonjongo corre entre as tendas. Nunca o vimos se locomover tão rápido antes. Aldeões passam por ele também correndo no fluxo contrário.

COM HANABI

O vento briga com Hanabi enquanto ela tenta armar a tenda. O vento joga areia em seu rosto. Ela improvisa tentando criar algo menor que sirva de abrigo.

COM BONJONGO

Bonjongo corre rápido. SOM DE TROVÃO. O céu escurece. Uma tempestade de areia começa a se formar no céu.

COM HANABI

Hanabi se esconde embaixo da lona da tenda. A areia cai do céu. Um vento sopra forte e levanta uma nuvem de areia que empurra a garota. Ela tenta se levantar.

Bonjongo chega perto de Hanabi. A tempestade está muito forte.

Bonjongo levanta a lona. Hanabi vira para ele surpresa.

Hanabi escala rapidamente o corpo de Bonjongo e entra no meio de seus objetos pendurados.

Bonjongo coloca a lona no topo de sua cabeça, senta no chão abraçando seus joelhos. Ele ajeita a lona para cobrir todo o seu corpo.

Hanabi está no meio dos objetos pessoais de Bonjongo. Está muito escuro e ela não consegue enxergar direito. Ela fecha os olhos e começa a prestar atenção nos sons.

Close de Hanabi. Ela está com olhos fechados. Os sons da tempestade diminuem. Ouvimos OS SONS de OBJETOS SE DEBATENDO, alguns são ESTRIDENTES e METÁLICOS, outros são ABAFADOS, há também sons de objetos de MADEIRA.

O conjunto sonoro dos objetos se torna aos poucos uma música. De repente, o som de uma RESPIRAÇÃO surge fraquinho. Hanabi se concentra nele. A respiração começa a ficar mais forte. O CONCERTO DE OBJETOS continua.

DISSOLVE PARA O PRETO

Ouvimos o CONCERTO DE OBJETOS. Eles se debatem lentamente. A música é relaxante.

Ouvimos a RESPIRAÇÃO DE HANABI que agora fica calma e suave. Ela para de repente. O CONCERTO DE OBJETOS continua e, aos poucos, volta a ser sons pontuais de OBJETOS SE DEBATENDO.

DISSOLVE PARA

SEQ 8 - FOTO DA CIDADE PERDIDA

43 EXT. ESTRADA / DIA

Bonjongo caminha por uma estrada de terra. A estrutura de seu corpo está mais conservada e, na forma com que caminha, dá a impressão de estar mais saudável. Ele anda em um ritmo preciso. Não há tanto lodo ou ferrugem como quando o conhecemos.

Atrás dele, há um VIAJANTE, que anda montado em seu JEGUE carregando uma bagagem volumosa. Os sons pontuais de OBJETOS SE DEBATENDO vêm do balanço que a bagagem faz conforme o Jegue caminha. Ele se aproxima de Bonjongo, o som fica mais forte. Vemos o viajante de perto. Ele usa um lenço amarrado na cabeça cobrindo seus olhos. É cego.

Bonjongo continua sua caminhada. O Viajante o acompanha com o Jegue ao seu lado. Eles andam juntos por algum tempo.

Plano geral da paisagem. Podemos ver Bonjongo e o Viajante lado a lado em uma estrada que sobe em direção a um imenso monólito ao longe.

Bonjongo olha para o Viajante. Observa seus detalhes, o animal e a coisas que carrega.

O Viajante se vira para Bonjongo e entrega um pequeno PORTA RETRATO de vidro transparente. Bonjongo segura o objeto e o aproxima do rosto.

Plano detalhe do porta retrato. Vemos que há uma foto antiga do mesmo monólito para onde estão indo. A paisagem, porém, está diferente. Há uma cidade ao redor da formação rochosa, que se estende até próximo da estrada onde os dois estão. A imagem está meio embaçada, como se o vidro estivesse suado.

Bonjongo para imediatamente de caminhar e volta a olhar a paisagem.

Plano geral do Monólito. A cidade que Bonjongo viu na foto não existe mais. Em seu lugar, há uma vegetação rasteira por toda a área correspondente.

Bonjongo se vira para o Viajante, que está parado ao seu lado.

O semblante do Viajante, aos poucos, se torna cada vez mais triste e preocupado. Bonjongo é atingido pela tristeza do desconhecido e fica inquieto.

Bonjongo volta a observar a fotografia. Está muito apreensivo quer ver melhor os detalhes. Ele tira a fotografia de dentro do porta retrato e a aproxima do rosto.

Plano ponto de vista de Bonjongo. A fotografia que mostra a cidade na base do monólito se transforma aos poucos, vai desaparecendo até que, enfim, vira apenas um borrão branco.

Bonjongo suspira. Ele estende o porta retrato para o viajante, para devolve-lo.

Bonjongo se sente muito impotente por não ter conseguido ajudar o Viajante, então, abaixa sua cabeça em um gesto envergonhado. Ao fazer essa ação, ele olha por acaso para o chão através do vidro do porta retrato.

Bonjongo arregala os olhos impressionado.

Plano ponto de vista de Bonjongo. O porta retrato de vidro vazio, como uma lente, revela tijolos no chão de terra. Apenas a parte da estrada que vemos através do porta retrato é feita de tijolos. O resto, visto a olho nu, permanece como terra.

Bonjongo assustado levanta o porta retrato lentamente.

Plano ponto de vista de Bonjongo. Por onde Bonjongo passa o porta retrato, a imagem da paisagem que ele emoldura se modifica e se torna parecida com a paisagem que a antiga fotografia mostrou.

Bonjongo coloca o porta retrato na altura dos olhos e olha para o monólito.

Plano ponto de vista de Bonjongo. Dentro da moldura do porta retrato, a cidade está ativa e cheia de vida.

Bonjongo começa a caminhar usando o porta retrato como lente, ele mantém o objeto na altura dos olhos.

A partir do som que Bonjongo faz enquanto anda, o Viajante o segue.

Os dois sobem a estrada de terra em direção ao grande Monólito. O semblante do Viajante se torna cada vez mais animado e confiante durante a trajetória.

Bonjongo e o Viajante chegam ao fim da estrada e param. O lugar é amplo e nivelado. Eles estão próximos ao grande monólito.

Bonjongo já não está mais usando o porta retratos como lente. Ele olha para o fim da estrada, onde há um arco feito de pedras abandonado.

Bonjongo volta a olhar através do porta retrato.

Plano ponto de vista de Bonjongo. O porta retrato revela o arco abandonado como a entrada para uma agitada cidade. Conseguimos até ouvir sua movimentação e ver a circulação de pessoas por ela. As pessoas da cidade se vestem com roupas coloridas cheias de detalhes. Todos também usam lenços amarrados sobre os olhos. É uma cidade de cegos.

Bonjongo se vira para o Viajante e o observa. O Viajante se veste como os cidadãos dessa cidade invisível, mesmo a olho nu.

Plano detalhe da bagagem do Viajante em cima do Jegue. Vemos uma embalagem fechada com o desenho de uma xícara amarela impresso nela.

Bonjongo volta a olhar pelo porta retrato e caminha para dentro da cidade.

45 EXT. CIDADE PERDIDA - RUAS / DIA

MONTAGEM ALTERNADA

PLANO GERAL

Vemos Bonjongo e o Viajante caminhando por uma trilha em um local aberto, de vegetação rasteira.

SUBJETIVA

Vemos a cidade se revelar através do porta retrato sendo usado como lente. Os sons dessa cidade invisível aparecem com ela. Vemos lojas, casas, pessoas caminhando pelas ruas. É uma cidade interiorana.

PLANO GERAL

Bonjongo e o Viajante caminham por uma trilha íngreme e conturbada. O Viajante desce de seu Jegue, e ele, como um cão-guia, conduz o Viajante.

SUBJETIVA

Bonjongo, o Jegue e o Viajante estão em uma viela estreita. Em uma janela alta de um dos prédios que espremem a viela, há uma MULHER. Ela bate um tapete pela parede do prédio, formando uma POEIRA grossa. Eles passam por ela.

PLANO GERAL

Bonjongo e o Viajante continuam caminhando pela pequena trilha. O Jegue, ainda guiando o Viajante, solta um espirro.

SUBJETIVA

Eles ainda caminham pelas vielas da cidade, seguindo a trilha. Há prédios altos, com sacadas cheias de plantas, à margem da trilha que seguem.

PLANO GERAL

Enquanto caminham, Bonjongo olha para cima, provavelmente mirando nas varandas. De repente, um barulho METÁLICO estronda alto. Bonjongo se desequilibra sozinho. Ele volta a olhar para a trilha.

SUBJETIVA

Uma Garota Nativa caminha usando uma bengala como guia. Ela bate a ponta do objeto nas pernas de Bonjongo, o som METÁLICO retorna. Ela resmunga alguma coisa que não entendemos à ele.

Bonjongo desvia dela.

PLANO GERAL

Bonjongo, o Jegue e o Viajante se afastam um pouco da trilha, como se dessem passagem à alguém. Eles retornam a caminhada.

Bonjongo de repente para de caminhar. O Viajante se assusta com a parada brusca e para logo em seguida.

SUBJETIVA

Bonjongo e o Viajante estão parados em frente a uma pequena vendinha. Em cima da porta de entrada há uma placa com o mesmo símbolo de xícara que vimos estampado na bagagem do viajante. Há uma janela ao lado da porta de entrada que revela uma cozinha, na qual pessoas preparam uma refeição.

Ouvimos os sons de talheres, panela de pressão, e movimentação de pessoas. Uma fina fumaça sai de dentro da janela.

PLANO GERAL

O Viajante sente um cheiro forte e começa farejar o ar. Ele se anima, o cheiro começa ficar familiar para ele. Sem a orientação do Jegue, o Viajante caminha em direção a onde vimos a vendinha pela lente do porta retrato.

SUBJETIVA

O Viajante vai até a porta da vendinha. Uma SENHORA o recebe. Eles se abraçam. O Jegue se aproxima da porta e relincha. O Viajante vai até ele e retirar as bagagens de cima dele. O Viajante e a Senhora conversam animados em uma língua que não entendemos. O Viajante ignora Bonjongo e entra no estabelecimento.

A vendinha, a cidade, as pessoas e seus sons começam a desaparecer lentamente.

PLANO GERAL

Bonjongo está sozinho em um descampado no pé do grande monólito. Silêncio.

Um pássaro passa voando longe, ouvimos seu pio distante.

Bonjongo está pequeno perto da paisagem. Ele se sente só.

Bonjongo olha triste para a fotografia que se tornou um borrão.

Plano ponto de vista de Bonjongo. A fotografia volta aos poucos a ter uma imagem. Vemos a fachada da vendinha onde o Viajante entrou.

Bonjongo guarda a fotografia com cuidado de volta no porta retrato de vidro transparente e acomoda o objeto com cuidado dentro de si.

Bonjongo caminha sem rumo.

DISSOLVE PARA O PRETO

CORTA PARA

SEQ 9 - ENFRENTANDO MEDOS

46 EXT. VILA DO PRESENTE / MANHÃ

Hanabi está deitada na areia dormindo.

Quingu aparece e senta ao lado de Hanabi. Ela balança o ombro de sua amiga.

QUINGU
Hanabi, acorde.

Hanabi desperta lentamente. Ela olha para Quingu e, ainda meio sonolenta, senta. Hanabi repara que dormiu segurando o PORTA RETRATO de vidro.

QUINGU (CONT)
Hanabi, estou preocupada com você.

Hanabi olha para Quingu triste, Quingu retribui o olhar para Hanabi. Os olhos de Quingu se enchem de lágrimas.

QUINGU (CONT)
Dizem coisas horríveis.

HANABI
Quingu.

QUINGU
(chorosa)
Dizem que não treina mais...

HANABI
Não.

QUINGU
(chorosa)
... e que encolhe mais a cada dia.

Quingu começa a chorar. Hanabi abraça sua amiga e limpa suas lágrimas com os dedos. Hanabi apoia sua testa na testa de Quingu e segura sua mão. Olha nos olhos de sua amiga.

HANABI
Quingu, me escuta. Eu não deixei de treinar, é apenas um treino diferente.

Ela se afasta de Quingu. Tenta agir de uma maneira confiável e reconfortante.

HANABI (CONT)
Eu não estou diminuindo, mas, é
que...

QUINGU
(cortando Hanabi)
Promete? HANABI, promete pra mim
que não vai deixar de treinar?

HANABI
Confia em mim. Eu estou bem.

QUINGU
(chorosa)
Porque está sempre dormindo dessa
maneira?

HANABI
Ei! Eu vou gigantuar de uma vez.
Você vai ver...

Ela se aproxima de Quingu e limpa suas lágrimas novamente.

HANABI (CONT)
...aí vou te treinar para vir
comigo.

Quingu sorri convencida.

HANABI (CONT)
(sorrindo)
Dizem que Lá não tem choro. E que
tudo brilha.

QUINGU
Pensei que tivesse desistido. Não
desista. Lá o sol nasce do chão e
as estrelas fazem cócegas antes de
ir dormir.

HANABI
Isso mesmo.

As duas observam a Montanha Invertida.

Há uma grande nuvem escura em cima da Montanha. Chove muito
no patamar mais alto. Os Pássaros chegam voando e entram na
Montanha pelas entradas cavernosas superiores.

Bonjongo chega e senta ao lado delas.

Quingu se sente incomodada e vai embora. Hanabi continua
observando a montanha.

HANABI (CONT)
 E você Bonjongo? O que você acha
 que tem Lá?

Passam um tempo contemplando a Montanha Invertida.

Hanabi levanta e sai. Bonjongo continua sentado observando.

HANABI (CONT)
 (fora de quadro)
 Bonjongo!

Bonjongo vira para olhar.

CORTA PARA

47 EXT. VILA DO PRESENTE - TENDA DE HANABI / DIA

Hanabi está parada em frente à sua tenda. Ela está
 reconstruída. Agora a tenda está muito maior e mais espaçosa.

Ela entra animada na tenda. Sobe até o trapézio e abre quase
 a lona inteira. Vemos o interior da tenda.

Tupa surge por trás da tenda. Sua expressão é amargurada.

TUPA
 Hanabi.

HANABI
 (sorrindo)
 Tupa.

Hanabi está se sentindo muito bem. Não para de sorrir. A
 presença de Tupa não incomoda ela.

Tupa olha para a tenda de Hanabi, está fervendo de inveja.
 Ele tenta não externar isso.

TUPA
 E então? Refletiu com sabedoria?

HANABI
 O quê?

Hanabi está confiante. Ela percebe que Tupa está irritado.
 Ela se aproveita disso.

HANABI (CONT)
 Viu quem voltou?

Tupa tenta parecer mais confiante.

HANABI (CONT)
E também está me ajudando?

TUPA
Ainda vejo que sou mais alto que
você.

De uma maneira certa, Hanabi puxa a fita que prende os cabelos de Tupa no coque alto. Seu cabelo caí. Os dois têm a mesma altura.

HANABI
Vejo que somos iguais.

Tupa paralisa em estado de choque. Ele começa a ficar vermelho de raiva. Hanabi está tranquila e confiante.

HANABI (CONT)
Não vou seguir seus passos, Tupa.

TUPA
(nervoso)
Pois que assim seja... Veremos quem
chegará à Vila do Futuro.

Hanabi sai correndo em direção à Bonjongo. Deixa Tupa sozinho. Ele tem uma expressão amargurada. Ainda está muito irritado.

TUPA (CONT)
... e quem voltará para a Vila do
Passado.

48 EXT. VILA DO PRESENTE / DIA

Bonjongo continua sentado no mesmo lugar. Ele olha para a paisagem.

Plano Ponto de vista de Bonjongo. Vemos a Montanha Invertida. Ainda chove muito no patamar superior. Ao redor, a seca continua.

Hanabi volta correndo muito feliz e salta em cima de Bonjongo, num carinhoso abraço. Ela dá risadas.

Bonjongo se levanta. Hanabi salta de volta para o chão. Eles se encaram. Hanabi está sorrindo.

Bonjongo, de repente, estende seu braço em direção a ela, num cumprimento. A expressão de Hanabi muda. Ela entende o gesto de despedida.

HANABI
Bonjongo, não vá. Fica...

Bonjongo não se move. Hanabi está com um olhar suplicante.

HANABI (CONT)
Eu preciso gigantuar...

Bonjongo aponta o cajado de bambu para Hanabi.

HANABI (CONT)
(acenando negativamente
com a cabeça)
Não podemos pegar água agora.

Bonjongo recolhe o cajado e começa a andar rapidamente em direção à Montanha Invertida. Hanabi corre atrás dele preocupada.

HANABI (CONT)
(gritando)
Bonjongo!

49 EXT. SOPÉ DA MONTANHA INVERTIDA / DIA

Bonjongo chega próximo à entrada do Segundo Patamar. Hanabi o alcança e se coloca entre ele e a entrada. Ela parece desesperada.

HANABI
Bonjongo, tente me entender!
(gritando)
VOCÊ NÃO PODE ENTRAR AQUI AGORA!

Bonjongo, com muita facilidade, passa por cima de Hanabi e entra na Montanha.

Hanabi, sem pensar duas vezes, se prepara para entrar dentro da Montanha. Quando ela começa a correr para saltar, Quingu surge e a agarra na direção contrária. As duas caem juntas no chão. Quingu permanece abraçando a amiga.

QUINGU
Por favor, não faça isso!

HANABI
Quingu, ele precisa de ajuda

QUINGU
Hanabi, eu não vou deixar você
entrar nessa Montanha!

HANABI

Eu sei como lidar com esses
pássaros. Bonjongo não!

Quingu olha firme para Hanabi, que responde com um olhar mais firme ainda.

HANABI (CONT)

Quanto antes eu for, mais rápido
voltarei para o lado de fora.

Quingu cede suspirando. Hanabi rapidamente se prepara para saltar.

QUINGU

Mas se você demorar muito...

Hanabi entra na Montanha Invertida.

SEQ 10 - PÁSSAROS GIGANTES

50 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - BEIRA DO LAGO / DIA

Bonjongo está abastecendo o seu cajado com a água dos cocos que Hanabi coletou.

O SOM DO PIAR dos PÁSSAROS surge distante, porém forte. Bonjongo olha ao redor tentando descobrir de onde vem o som. Não vê nada. Volta a abastecer seu cajado.

Um pássaro enorme com a crista vermelha surge voando por trás de Bonjongo e passa por cima dele. O reflexo de Bonjongo com o susto é se abaixar.

Outro pássaro enorme surge voando. Ele PIA, o som reverbera pelo espaço.

Bonjongo está assustado. Com o nervosismo, ele atira longe o coco, mirando no pássaro, que se afasta.

Um terceiro pássaro surge e mergulha voando na direção de Bonjongo. Bonjongo o espanta com seu cajado. Com o movimento brusco do animal sendo repelido, algumas penas caem no chão.

O pássaro com a crista vermelha retorna a atacar e, com muita precisão, rouba o cajado de Bonjongo de suas mãos.

Bonjongo aflito corre atrás do pássaro. Mas, os outros dois se aproximam e voam rondando Bonjongo.

Bonjongo, se sentindo desprotegido, começa a correr para outra direção e tenta se esconder pelo lugar. Os outros pássaros continuam rodeando ele, se preparando para atacar.

De repente, um som AGUDO e ESTRIDENTE surge. O som se parece com um PIO e um GRITO agoniado. Os pássaros entendem o som como um chamado e voam para ele deixando Bonjongo para trás.

51 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - TRILHA / DIA

Hanabi surge escondida no meio da vegetação rasteira. Ela se levanta rapidamente e ASSOVIA alto. O som que ouvimos anteriormente vem dela.

Ela faz isso mais uma vez até que ouvimos um pássaro PIAR respondendo ela. Ela volta a se esconder.

Os pássaros passam voando por ela, sem percebe-la.

Hanabi se levanta atenta e confere se todos já passaram. Então, corre na direção contrária à deles, em busca de Bonjongo.

52 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - BEIRA DO LAGO / DIA

Hanabi chega correndo até Bonjongo, que ainda está agachado ao lado de um coqueiro assustado com o ataque dos pássaros.

Hanabi saltita ao redor de Bonjongo, fazendo um sinal de que ele a siga.

HANABI

Vamos! Temos que sair logo daqui.

Bonjongo olha para Hanabi e depois olha para o chão desanimado. Hanabi para de saltitar e olha para ele com uma expressão preocupada.

Bonjongo se apoia no coqueiro e se levanta com muita dificuldade.

HANABI (CONT)

O seu cajado! Os pássaros levaram ele?

Bonjongo consegue ficar de pé e se vira bruscamente para Hanabi. Ele parece suplicar.

HANABI (CONT)

Você precisa muito dele não é?

Bonjongo continua olhando para Hanabi, seu rosto cada vez mais perto dela.

Hanabi pisca os olhos rapidamente e sua expressão muda. O rosto de Bonjongo está muito próximo dela. Com agilidade, ela sobe na cabeça dele sem pensar duas vezes.

HANABI (CONT)

Só uma criatura nesse mundo todinho consegue se aproximar desses pássaros... os gigantes que vivem Lá!

Bonjongo levanta um pouco sua cabeça. Hanabi tenta olhar para a cara dele ficando pendurada de ponta cabeça na beira frontal da máscara.

HANABI (CONT)

Precisamos fazer você maior!

MOMENTOS DEPOIS

Hanabi está agrupando os cocos vazios que ela coletou em uma estrutura redonda e oca. Ela usa lama da margem do lago como liga.

MOMENTOS DEPOIS

Hanabi ajuda Bonjongo a cobrir seu corpo todo com a lama.

MOMENTOS DEPOIS

Hanabi gruda as penas, que um dos pássaros perdeu, nessa estrutura de cocos. Depois cola uma sequência de folhas de coqueiro em cima. A estrutura fica parecendo uma cabeça, em que os olhos são vãos vazios, as penas lembram orelhas com brincos e as folhas parecem cabelos.

Hanabi entra na estrutura por um dos vãos e Bonjongo coloca a cabeça em cima de si mesmo coberto de barro.

Eles se disfarçam como um Gigante de Lama assustador.

53 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - GRUTAS E GALERIAS / DIA

O Gigante de Lama, composto por Hanabi e Bonjongo, caminha pelas trilhas do Segundo Patamar.

Ele segue os sons que os pássaros fazem e passa por buracos cavernosos no chão. Descobrem uma imensa gruta, onde há os pássaros repousando em diversos ninhos enormes.

O Gigante de Lama caminha por galerias que circundam essa gruta. Conseguimos vê-lo passando através de buracos que há nas paredes.

Ele olha por um dos buracos para identificar qual foi o pássaro que roubou o cajado. Vemos Hanabi espiando pelo olho da cabeça de lama.

Plano Ponto de Vista de Hanabi. Vemos o pássaro de crista vermelha em um dos ninhos. Vemos também que ele usou o cajado na construção do ninho. O cajado está fincado próximo à garra do pássaro. Há uma abertura na parede ao lado do ninho.

O Gigante de Lama caminha pela galeria até chegar no buraco mais próximo ao ninho do Pássaro de crista vermelha.

Em silêncio e com cautela, o Gigante de Lama sai de dentro do buraco na parede.

Ele pega seu cajado e o puxa para fora do ninho. Isso desestabiliza a construção e o movimento desperta o pássaro de crista vermelha.

O pássaro se assusta, levanta voo PIANDO ALTO. Os outros pássaros despertam. O Gigante de Lama continua em pé firme, não se intimida pelos pássaros. Ele mantém o cajado numa postura defensiva. Os pássaros voam em círculos pelo ar ao redor do Gigante.

Em uma estranha sincronia. Os pássaros entram por um dos buracos na parede da gruta enquanto O Gigante de Lama retorna pelo caminho que veio.

54 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - TRILHA / DIA

Quingu e Tupa caminham pela Montanha atentos. Quando ouvem qualquer barulho, já se abaixam e se escondem. Eles estão procurando por Hanabi.

O Gigante de Lama caminha pela trilha. Os pássaros continuam voando ao redor dele.

Quingu e Tupa veem o Gigante caminhando com os pássaros ao longe. Ficam apavorados e se escondem novamente.

QUINGU

Aquilo é um gigante de Lá?!

TUPA

Precisamos de ajuda...

Quingu está quase surtando de medo.

QUINGU

Será que Hanabi tá bem?

TUPA

Vamos logo!

Tupa e Quingu correm sorrateiramente para a saída do Segundo Patamar. Mas, os pássaros percebem a presença dos dois, voam em direção a eles.

Tupa e Quingu conseguem pular para fora da Montanha a tempo.

Os pássaros levantam voo e sobem para o patamar superior.

O Gigante de Lama, agora sozinho, se desfaz. Hanabi sai de dentro da cabeça que rola pelo chão. Agora, Hanabi e Bonjongo caminham lado a lado em direção ao lago.

55 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - LAGO / DIA

Hanabi e Bonjongo tomam banho no lago retirando a lama do corpo.

Hanabi ajuda Bonjongo em lugares mais difíceis, onde ele não alcança.

Um grande sino se desprende do corpo de Bonjongo. Hanabi se apoia nele e nada até a beira do lago.

Hanabi, de pé na beira do lago, segura o sino. A parte de dentro está cheia de água, ela vira o instrumento derramando a água no chão. Depois, na intenção de secar melhor o sino, ela o chacoalha.

O sino SOA ALTO. O som reverbera por todo interior da montanha.

Hanabi paralisa e, lentamente, cai desmaiada para trás.

DISSOLVE PARA O PRETO

SEQ 11 - ESTÓRIA DE UM SINO

56 INT. CAVERNA ROCHOSA / DIA

Bonjongo caminha sozinho em uma escura caverna. Vemos pouco, apenas sua silhueta que anda a caminho da luz na saída. O local é úmido e ouvimos o som de GOTAS PINGANDO. O caminhar de Bonjongo está menos barulhento que o normal.

57 EXT. AÇUDE / DIA

Bonjongo sai da caverna e descobre um local amplo e vazio.

A caverna fica em um planalto e ao redor dali, há uma cerca natural: um paredão de rochas que, de fora a fora, cria um enorme círculo. O chão é terra seca e está rachado. O sol está escaldante.

Ouvimos um TILINTAR ao longe. Bonjongo anda em direção a esse som.

Conseguimos reparar melhor na aparência de Bonjongo. Não há ferrugem em sua estrutura. E nem tantos objetos barulhentos pendurados por seu corpo. Sua cabeça não está com uma crosta de lodo, conseguimos ver sua enorme cabeça de cerâmica, com pinturas a mão, que criam uma expressão guerreira no rosto de Bonjongo.

Ele caminha com mais facilidade e também mais rápido. Seu cajado está com ele, mas ele não se apoia para andar.

Conforme Bonjongo se aproxima do paredão de rocha, conseguimos ver alguns detalhes. Na direção do som que Bonjongo segue, há uma parte da circunferência rochosa que é vazada. Existe uma estrutura de madeira unindo as duas pontas do paredão. Uma construção, obviamente, humana.

Bonjongo se aproxima do paredão.

Uma PESSOA ENCAPUZADA está sentada no alto da estrutura de madeira. Apenas conseguimos ver metade de seu rosto, do meio do nariz para baixo. A Pessoa segura um sininho e o balança. O som que ouvimos vem desse pequeno sino, que continua a soar estridente.

Bonjongo olha para a Pessoa Encapuzada e ela, retorna o olhar.

A Pessoa Encapuzada começa a mexer seus lábios, como se dissesse algo. A voz dela é sussurrante, não entendemos e nem escutamos o que ela diz.

Bonjongo abaixa a cabeça majestosamente, como se respondesse ao desconhecido, que joga o sino para ele.

Bonjongo pega o sino do chão e balança com delicadeza. O sino não faz som nenhum.

Bonjongo começa a virar seu corpo vagarosamente enquanto balança o sino.

Por um instante, o som do sino retorna.

Bonjongo tenta retornar ainda mais devagar para o posição anterior, até descobrir exatamente o momento que o sino retornará a soar.

Bonjongo sai andando na direção que faz o sino soar.

De repente, o sino volta a ser silencioso novamente. Bonjongo repete o movimento de girar seu corpo pouco a pouco. Descobre a nova direção que o som do sino aponta e volta a caminhar.

Ele repete essa ação algumas vezes, é uma espécie de jogo de caça ao tesouro, no qual, a dica é o tilintar do sininho.

Conforme Bonjongo caminha na direção que o tilintar indica, o trajeto por onde Bonjongo passou fica com a terra molhada. Como se os passos de Bonjongo umedecessem o chão.

Bonjongo descobre que chegou ao seu destino quando, ao balançar o sino, um fino fluxo de areia molhada cai de dentro da boca do objeto, formando uma montinho de areia no chão.

Bonjongo pega seu cajado e começa a cavar. Ele cava com cautela.

Depois de cavar cerca de meio metro, ele encontra uma caixa de madeira.

Bonjongo retira a caixa da terra e abre ela. Dentro, há outro sino, um mais robusto com detalhes esculpidos em seu metal. É o mesmo sino que Hanabi fez badalar no interior da Montanha Invertida.

Bonjongo guarda consigo o sino maior e deixa o sininho dentro da caixa. Enterra ela de volta.

Bonjongo anda rapidamente até a Pessoa Encapuzada.

Ele chega ofegante e arremessa o novo sino a ela. A Pessoa misteriosa pega o sino, murmura mais algumas palavras e começa a tocá-lo.

Ele toca o sino por alguns segundos. De repente, o instrumento vibra.

Uma larga torrente de água cai de dentro do objeto. A água desce com tanta força e velocidade que a Pessoa Encapuzada se levanta para manter o equilíbrio, ela sorri.

Bonjongo é carregado pela água.

Ele nada, bebe e até aproveita pra se limpar, enquanto o lugar alaga cada vez mais.

58 EXT. PLANALTO DO AÇUDE / DIA

Bonjongo chega a uma terra firme e sai da água.

Bonjongo percebe que está acima do planalto onde fica a caverna por onde ele caminhou. E ela, agora, encontra-se inundada metros abaixo.

Ele olha para a paisagem. O local de terra seca agora está completo por uma água limpa e cristalina. O paredão rochoso segura a água, formando uma bacia natural. Lentamente, pelo paredão rochoso, pequenos brotos e raízes de plantas começam a surgir, esverdeando as pedras.

Bonjongo caminha na direção contrária a do açude. Ele chega ao extremo limite, no lado oposto do planalto.

PLANOS GERAIS DA PAISAGEM

Metros abaixo de Bonjongo, conseguimos ver a água jorrando por um caverna, provavelmente a outra entrada da caverna por onde Bonjongo saiu.

A água escorre para todas as direções, como uma foz em delta.

Aos poucos, os ramos de planta surgem lentamente na beira dos canais. O verde se multiplica seguindo a margem das águas e estende-se pelo cenário, crescendo suspenso pelo ar como se subisse em relevos invisíveis.

De repente, pequenas casinhas aparecem surgindo aos poucos. Elas se encaixam pelos vãos das plantas que "flutuam". O lugar se torna uma cidade ribeirinha coberta de vegetação.

Algumas pessoas surgem também aos poucos pelas ruas da cidade, como se fossem materializadas a partir de poeira. Os sons aparecem lentamente: CONVERSAS, ANIMAIS, sons que remetem a uma CIDADE AGITADA.

DE VOLTA PARA BONJONGO

A Pessoa Encapuzada surge às costas de Bonjongo.

Ela murmura algumas palavras. Bonjongo se vira de frente para ela.

A Pessoa Encapuzada entrega o sino robusto para Bonjongo. Ele aceita.

Bonjongo encaixa o sino em região de seu corpo coberto de objetos.

Bonjongo corre de volta para o açude. Pula para dentro dele.

CORTA PARA

SEQ 12 - TRALHAS JOGADAS NO LAGO

59 INT. DEBAIXO DA ÁGUA / DIA

Hanabi está desmaiada, submersa na água.

Ela abre os olhos e vê a silhueta de Bonjongo também submersa dentro da água, como se os dois estivessem nadando no açude com que acabou de sonhar.

Ela se assusta e nada para perto de Bonjongo.

Hanabi observa o corpo de Bonjongo. Onde era para estar o sino, está incompleto.

Ela se aproxima mais para olhar melhor e vê parte de um corpo humano, algo que se parece com uma cintura descoberta.

Hanabi se assusta, perde um pouco do ar, mas concentra e continua a investigar.

Hanabi retira outros objetos de Bonjongo, seu corpo é revelado cada vez mais.

Ela precisa respirar, mas quer ver o rosto de Bonjongo para ter certeza que ele é humano. Hanabi não aguenta, começa a desmaiar.

CORTA PARA

60 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - LAGO / DIA

De repente, Hanabi abre os olhos e vê os olhos de Quingu próximos aos dela.

Ela acorda assustada e Quingu puxa Hanabi para fora da água. Ela tentava acordar a amiga, que dormiu na beira do lago, engolindo um pouco de água.

QUINGU

Hanabi!

Hanabi tosse muito, ela recupera o ar aos poucos.

HANABI

O que está acontecendo?

QUINGU

Eu vi com meus próprios olhos! Ele é um gigante de Lá...

Hanabi, silenciosa, olha em volta aflita.

HANABI

Bonjongo? Quingu, ele é como nós...

QUINGU

Ele estava com os pássaros! Eu vi, Hanabi! Ele era muito maior! Ele te encolhe para poder crescer!

Hanabi olha perplexa para Quingu.

HANABI

Onde ele está?

Quingu está tão angustiada que parece delirar.

QUINGU

Ouvimos um barulho terrível! Corremos para ver e você estava desmaiada. Mas ele também. Percebemos que você desmontou um pedaço dele, se não ele poderia ter feito algo pior. Era imenso, Hanabi! Mandou os pássaros nos atacar. Mas, conseguimos chamar ajuda. Muita gente da Vila veio. Pegaram o gigante desacordado, e eu tentava te despertar...

Hanabi está aterrorizada com o que Quingu diz, ela tem um olhar desesperador.

HANABI

Calma, Quingu! Me diz, para onde o levaram?

QUINGU

Para o Chão Furado...

HANABI

Vamos Quingu, temos que ajudar ele.

QUINGU

Ajudar o gigante? Ele te encolheu e mandou os pássaros atacar...

HANABI

Não, Quingu. Não foi isso que aconteceu, eu estava junto, ajudando ele...

QUINGU

(cortando Hanabi)
Mas Tupa disse que...

HANABI
 (cortando Quingu)
 Então foi Tupa que inventou tudo
 isso?

Hanabi suspira irritada, mas tenta manter a calma.

HANABI (CONT)
 Arg, primeiro ele ameaça, e
 agora...

QUINGU
 (cortando Hanabi)
 Ele te ameaçou?

Hanabi soa debochada e irritada. Quingu se cala, não sabe o
 que dizer, está espantada.

HANABI
 Ah, eu já devia imaginar...

Hanabi e Quingu se levantam. Quingu continua aflita e Hanabi
 consegue se acalmar mais.

QUINGU
 Tupa está me enganando de novo né?

HANABI
 Então, ainda acha que eu estou
 diminuindo?

Quingu parece decepcionada.

QUINGU
 Ele tem razão, a gente acredita em
 tudo que ouve...

HANABI
 Estamos ficando sem tempo... Vamos.

As duas correm juntas em direção ao Chão Furado.

61 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA - CHÃO FURADO / DIA

Bonjongo está deitado no chão, o corpo exterior dele, onde
 carregava os variados objetos, parece estilhaçado. Há alguns
 aldeões ao redor mexendo nele.

Tupa arranca uma boneca de pano do traje de Bonjongo e joga
 por um dos vãos que há no chão. Em poucos segundos, ouvimos a
 boneca caindo na água.

Hanabi e Quingu observam ao longe.

Hanabi corre até Tupa e o encara, ela exala confiança e indignação. Quingu segue a amiga, mas permanece há uma certa distância deles. Tupa não percebe Hanabi, ele pega outro objeto, um pente.

HANABI

Tupa, pare!

Aos poucos, os outros aldeões se afastam, surpresos e envergonhados. Tupa solta o pente.

HANABI (CONT)

Por favor, agora já chega...

Hanabi olha para ele com tristeza.

TUPA

Você está viva!

Tupa abraça Hanabi com alegria. Hanabi se afasta dele incomodada.

HANABI

(triste)

Porque fez isso?

Tupa arregala seus olhos para Hanabi.

TUPA

Para nos salvar.

Hanabi lança um olhar de desdém para Tupa, depois, vai até Bonjongo. Ela observa o que restou do gigante.

HANABI

Quingu, me ajude!

Quingu chega perto de Hanabi, as duas começam a afastar a estrutura que carrega o corpo humano de Bonjongo.

HANABI (CONT)

Ele é como nós...

QUINGU

E todas aquelas coisas em seu corpo? Coisas que nunca vimos por aqui... o que será que eram?

HANABI

Não sei, mas sonhei tanto com elas...

Quingu faz uma expressão confusa com aquilo que ouve, seguida de uma expressão de espanto com aquilo que vê.

Elas retiram o corpo adormecido de um garoto com cerca de 16 anos, vestindo alguns trapos. Quingu começa a retirar sua máscara de cerâmica. Hanabi segura a mão da amiga suavemente.

HANABI (CONT)

Não. Deixa.

Elas carregam juntas o corpo. A parte debaixo dos braços dele apoiada nos ombros delas. Hanabi olha para a plateia de aldeões, que permanecem calados e assustados.

HANABI (CONT)

Estão vendo? É apenas um garoto! E está ferido...

Os aldeões se movimentam, estão envergonhados. Eles olham para o chão sem saber como reagir. Aos poucos se retiram. Não ajudam as garotas.

Hanabi, com muita delicadeza, rasga a parte manchada da calça de Bonjongo. Vemos um machucado na coxa dele. A ferida sangra.

Elas levam Bonjongo para fora dali. Tupa permanece no mesmo local. Ele parece contrariado e comovido.

CORTA PARA

62 INT. SEGUNDO PATAMAR DA MONTANHA / ENTARDECER

Plano geral de Hanabi e Quingu carregando Bonjongo, enquanto garoto, pelas trilhas dos Segundo Patamar.

CORTA PARA

63 EXT. VILA DO PRESENTE / ENTARDECER

Plano geral de Hanabi e Quingu carregando Bonjongo pela areia. Os outros aldeões observam rápido de longe, não se aproximam e continuam suas vidas.

Eles chegam na tenda de Hanabi. Quingu deixa os dois ali e parte. Hanabi arrasta Bonjongo para dentro.

CORTA PARA O PRETO

SEQ 13 - EM BUSCA DE UM NOVO LÁ

64 EXT. VILA DO PRESENTE - TENDA DE HANABI / NOITE

Bonjongo, enquanto garoto, dança pela areia. Ele usa sua máscara de cerâmica e faz movimentos estranhos. O seu corpo não está mais ferido.

Hanabi sai de sua tenda e observa Bonjongo fazer sua misteriosa dança. A dança lembra os movimentos que Bonjongo fez para ela enquanto treinavam. Hanabi está calada, curiosa com ele.

Ele para de dançar. De repente, alguns bambus surgem do chão e crescem em torno dele. Bonjongo fica parado e os bambus crescem empurrando a máscara dele para cima, revelando seu rosto. Seus cabelos são negros.

Bonjongo repara que Hanabi o observa.

BONJONGO

Hanabi, porque tem a cara toda riscada?

Enquanto Hanabi demora para responder, Bonjongo se agarra em um bambu e fazendo uma acrobacia chuta um outro bambu quebrando ele ao meio.

HANABI

(fora de quadro)

Aqui na nossa vila, a gente ganha uma linha para cada pé que ficamos mais altos.

Bonjongo olha para Hanabi interessado.

HANABI (CONT)

Eu só tenho essas. Dizem que lá na Vila do Futuro tem gente que tem mais de vinte. São as linhas que o tempo desenha.

Silêncio. Bonjongo começa a quebrar outro bambu com o próprio corpo.

HANABI (CONT)

Ei, Bonjongo. Você ainda vai me ensinar a gigantuar?

Bonjongo quebra outro bambu e o coloca no chão ao lado do quebrado anteriormente. Ele se esforça para quebrar um terceiro.

BONJONGO

Você atravessa o deserto do
Atacama. Pula os alpes suíços.
Passa por baixo do oceano pacífico.
Rola pelo Saara. Se deleita com o
Acaraú. Dorme no Triângulo das
Bermudas.

Bonjongo coloca o terceiro bambu no chão. Ele corre até
Hanabi.

BONJONGO (CONT)

(animado)

Preparar para alpinismo e mergulho!

Bonjongo puxa Hanabi pelas mãos e ela, num solavanco, corre
seguindo ele.

65

EXT. DUNAS / NOITE

Bonjongo e Hanabi correm juntos pelas dunas frias. O céu está
muito estrelado. Bonjongo para. Hanabi para logo atrás.

BONJONGO

Você conhece Lá?

HANABI

Não. Nunca partir, sempre ficar.
Nunca pra frente, sempre para o
alto.

Ele parece decepcionado.

BONJONGO

Ah, não posso parar! Obrigado pela
água.

Bonjongo começa a correr em outra direção, deixando Hanabi
para trás.

HANABI

(gritando)

Ei, para onde você vai?

Bonjongo diminui sua velocidade e se vira para responder à
Hanabi enquanto ainda corre.

BONJONGO

(gritando)

Não sei. Vou para o lugar que não
conheço ainda.

(mais alto)

Lá, é maior que o mundo todo.

Bonjongo aponta para a direção em que corre. Hanabi começa a correr atrás dele, tentando alcançá-lo.

HANABI

(gritando)

Lá é para o outro lado. É para cima da onde vim.

Eles estão no alto de uma duna. Em um plano geral conseguimos ter uma visão panorâmica. O céu está imenso. Um conjunto de nuvens surge e elas se amontoam em uma formação confusa.

Hanabi alcança Bonjongo. Ele para de correr, ela para em seguida.

BONJONGO

Mas eu vim dali, de cá, do acolá!

Bonjongo começa a girar e apontar para todos os sentidos.

BONJONGO (CONT)

Já fui muito longe. Sai do lugarejo de Lá. Já não tinha mais família, pai, mãe e amigos nessa fatia de chão. Em Lá, tudo estava seco.

A formação de nuvens no céu aos poucos se torna a imagem de uma criatura gigante. Bonjongo se empolga com o gigante de nuvens.

BONJONGO (CONT)

Um gigante com uma sede tremenda, em único gole, bebeu toda a água. Não sobrou nada além da secura.

Primeiro Plano de Hanabi. Ela olha boquiaberta para o céu.

Bonjongo tenta recuperar a atenção de Hanabi, ele se aproxima dela e aponta para o céu, fantasiando.

BONJONGO (CONT)

Antes, era rio, mar, cachoeira. E no céu caixas de ar, cataventos transparentes, roldanas de sopro, linhas e guindastes.

O gigante feito de nuvens, ao longe, se move. Abre sua boca de nuvens.

Primeiro Plano de Hanabi. Ela olha para Bonjongo como se não entendesse nada do que ele diz.

HANABI

O que são cataventos transparentes?

Bonjongo aponta para a estranha formação de nuvens no céu. O gigante abre seus olhos de nuvens escuras.

BONJONGO
Olhe, Hanabi. Vamos!

Ele desce a duna e corre em direção às nuvens, elas estão ficando cada vez mais escuras. Hanabi acompanha correndo logo atrás dele.

Um vento sopra forte na direção contrária dos dois. Eles param. Recuperam um pouco da energia.

BONJONGO (CONT)
Eu mergulhava nas águas e no céu,
todos os dias. Colhia estrelas da
manhã, algodões da tarde e fósforos
da noite.

A criatura gigante de nuvens suga estrelas do céu. Come nuvens mais claras. Fica cada vez mais escura.

BONJONGO (CONT)
Até o dia em que não havia mais
nada.

Eles voltam a correr. Alguns relâmpagos iluminam o céu e o chão de areia. Um forte relâmpago faz Bonjongo e Hanabi pararem novamente de correr.

BONJONGO (CONT)
Tudo havia sido sugado pelo gigante
Zenóbi. Ele, como quem está com um
vazio por dentro, levou tudo de Lá.

A criatura Gigante de Nuvens começa a se desfazer em sua própria confusão de nuvens. Ela come sua própria nuvem.

BONJONGO (CONT)
(fora de quadro)
Desejava trazer tudo que há no
mundo para dentro de si. Talvez
como necessidade. O gigante Zenóbi
levou tudo!

Bonjongo se vira para olhar Hanabi com o olhos cheios de lágrimas. Hanabi está impressionada. Um clarão ilumina os dois, eles olham para o céu.

Um raio corta o céu e parte corpo nebuloso do gigante ao meio. Um vento forte começa a soprar.

BONJONGO (CONT)
 (fora de quadro)
 Hanabi, catavento transparente é
 aquilo que faz o vento girar.

O vento forte desfaz cada vez mais o Gigante de Nuvens. O céu fica limpo de pouco a pouco.

BONJONGO (CONT)
 (fora de quadro)
 E eu que me achava menino gigante,
 muito grande grandão, me vi pequeno
 pequenino...

O céu se tranquiliza, mas não há mais estrelas brilhando. A brisa está suave.

BONJONGO (CONT)
 (fora de quadro)
 Não tinha porque ficar Lá. Passei a
 mergulhar nas léguas, passos e pé,
 pé a pé, submergindo no mundo. Meu
 corpo virou minha casa e minhas
 memórias.

66 EXT. VILA DO PRESENTE - TENDA DE HANABI / NOITE

Bonjongo e Hanabi, em silêncio, quebram mais alguns bambus.

Hanabi está abalada. Bonjongo olha para ela e percebe sua tristeza.

BONJONGO
 Hanabi.

Hanabi para o que está fazendo e olha para Bonjongo. O olhar dela é preocupantemente infeliz.

BONJONGO (CONT)
 É inútil pensar se fui, ou sou,
 alegre ou triste.

Ele volta a partir o bambu. Coloca com cuidado no chão, ao lado dos outros.

BONJONGO (CONT)
 É inútil classificar Lá como um
 lugar feliz ou infeliz.

Bonjongo pega três bambus e os organiza no chão, na forma de um triângulo equilátero. Hanabi faz o mesmo com outros três bambus.

BONJONGO (CONT)

Não faz sentido dividir os lugares entre felizes ou infelizes. Todos os lugares se transformam ao longo dos anos, e, junto deles, nossos desejos.

Bonjongo tira uma longa corda de dentro de sua máscara de cerâmica. Parte a corda com os dentes e joga metade para Hanabi.

Eles amarram as pontas dos triângulos feitos com os bambus.

BONJONGO (CONT)

De Lá parti, e me fiz no mundo!

Bonjongo e Hanabi terminam de amarrar seus triângulos. Eles se levantam. Hanabi está silenciosa, concentrada e presta muita atenção no que Bonjongo diz.

BONJONGO (CONT)

Nunca mais meus pés pararam de nadar, nenhum dia minhas mãos pensam em não caminhar...

Bonjongo e Hanabi juntam seus triângulos, um sobre o outro, formando uma estrela de seis pontas. Eles levantam a estrela juntos e começam a amarrar os dois triângulos um no outro.

BONJONGO (CONT)

Ouçó um barulho, que vem daqui. De Lá. De Lá aqui dentro. E sigo e me vou.

Bonjongo e Hanabi montam um suporte para a estrela usando os bambus que restaram. Hanabi, mais tranquila, sorri.

HANABI

E assim, se tornou gigante...

BONJONGO

Gigantuar, a arte de se tornar gigante.

A estrutura está pronta. Com a estrela deitada na horizontal, seis bambus passam pelas pontas dela. Os bambus se encontram no topo, dando suporte e altura para a estrela, que acaba ficando a dois metros do chão. Hanabi sorri enquanto olha para a obra.

BONJONGO (CONT)

Tem que deixar os pesos de lado para poder gigantuar em todas as direções.

Bonjongo sobe na estrutura pronta, fica sentado na estrela. Ele olha para Hanabi de uma forma carinhosa.

BONJONGO (CONT)

Parei pela primeira vez, gostei de parar.

Hanabi responde o olhar, que sentiu como um chamado, e sobe na ponta do suporte.

Plano Geral. Eles observam juntos a tribo. À frente deles, as tendas de sempre da Vila do Presente e a imponente Montanha Invertida ao centro.

BONJONGO (CONT)

Hanabi, me conta um pouco mais sobre aqui.

HANABI

Nossa vila, na verdade, é três. A primeira é de quando a mãe do pai da minha avó ainda era pequena...

Hanabi devaneia em seus pensamentos. Sua expressão muda, ela começa a se sentir triste.

Ela volta para si e se recompõe um pouco.

HANABI (CONT)

A segunda é a que eu moro, você anda 302 pés e mais 38 para a esquerda. E tem a Vila do Futuro, que ainda não veio.

Silêncio. Bonjongo começa a cair no sono. Hanabi não percebe e continua a admirar a paisagem. Ela está mais empolgada.

HANABI (CONT)

Bonjongo, vamos para Lá? Mas um novo Lá. Vamos inventar nosso Lá.

Hanabi pensa um pouco e dá uma risada.

HANABI (CONT)

O meu lá tem gosto de caroço que dança pela boca.

Hanabi vira animada para olhar Bonjongo e percebe que ele já está dormindo. Ela então, vira de cabeça para baixo, e fica pendurada com as pernas encaixadas no bambu.

Ela fecha os olhos para dormir, está sorrindo.

SEQ 14 - VISITA À VILA DO PASSADO

67 INT. TENDA DE HANABI / AMANHECER

Um fecho de luz entra por uma abertura na lona da tenda. A claridade ilumina o rosto de Hanabi, que desperta.

Hanabi está estendida no solo. Ao seu lado há Bonjongo, enquanto garoto, dormindo deitado no chão, com a cabeça coberta pela máscara de barro. Hanabi desperta lentamente, tentando se lembrar do que aconteceu.

Hanabi confere a ferida de Bonjongo em sua coxa. Ela ainda está lá, feia e sangrenta, parece infeccionada.

Ao lado de Hanabi, há potes de barro. Cuidadosamente, ela pega um deles e mergulha seu dedo em uma pasta marrom-avermelhada. Então, carinhosamente, passa a substância no machucado da coxa de Bonjongo. Ela faz um curativo com um pedaço de pano que tira de outro pote de cerâmica.

Hanabi se aproxima mais de Bonjongo e ajoelha. Ela retira sua máscara de cerâmica e apoia a cabeça do garoto em suas coxas. Os cabelos de Bonjongo agora estão loiros. Seu rosto também é diferente do visto anteriormente. Ela mexe nos cabelos dele. Silêncio.

Bonjongo desperta lentamente e se senta próximo à Hanabi. Ele olha para o curativo e, depois, levanta os olhos com uma expressão de curiosidade para Hanabi.

Hanabi, sem muito pensar, pinta o rosto de Bonjongo com a pasta que restou em seus dedos. Ela desenha linhas parecidas com as suas. Bonjongo permanece parado até ela finalizar a pintura.

Bonjongo passa as mãos pelo rosto, pelos braços, sentindo sua pele, seus cabelos. Ele investiga seu próprio corpo.

Bonjongo olha para Hanabi aflito. Lágrimas grossas caem de seus olhos, mas ele não faz cara de choro.

Hanabi pega as lágrimas dele com as mãos em forma de concha. As lágrimas acumulam até transbordar. Ela olha com seriedade para elas.

Plano ponto de vista de Hanabi. No acúmulo de lágrimas surge lentamente o reflexo de uma grande cidade. Hanabi se assusta e desfaz a concha das mãos. As lágrimas caem no chão de areia.

HANABI
(para si)
Tenha coragem, Hanabi.

68 EXT. SOPÉ DA MONTANHA INVERTIDA / MANHÃ

Hanabi e o garoto Bonjongo caminham rápido sentido Montanha Invertida. Bonjongo está usando sua máscara de barro.

Eles se aproximam da parte mais estreita da montanha, aquela que toca o chão. Há uma pequena entrada de caverna nela.

Hanabi paralisa e recua. Bonjongo chega ao lado dela e olha seu rosto. Hanabi respira fundo e aponta a caverna para Bonjongo.

HANABI
Aqui é a Vila do Passado. Um sábio
previu que a tristeza estava
chegando com o vento. Para fugir do
vento, nosso povo construiu uma
vila aqui embaixo. Venha.

Hanabi passa com dificuldade pelo pequeno buraco. Bonjongo acompanha, mas, a circunferência é estreita demais para sua máscara. Ele escorrega pelo buraco, mas sua máscara fica para trás, presa.

69 INT. VILA DO PASSADO - ESCADA / DIA

Hanabi e Bonjongo, enquanto garoto, entram em um ambiente escuro e úmido. Bonjongo está sem máscara, ele dá meia volta para pegar a máscara, Hanabi o segura pelo ombro.

HANABI
Deixa para lá. Ela ficará pra trás,
mas depois retornaremos.

Eles descem uma trilha em forma de escadaria com muitas rochas úmidas cheias de lodo escuro. Há um mato rasteiro crescendo ao redor da escada.

Durante o trajeto. Bonjongo olha impressionado pelo lugar. Hanabi olha apenas para o chão. Ela parece perturbada.

HANABI (CONT)
A tristeza conseguiu chegar aqui.
Quando todos estavam comemorando, o
vento entrou na festa e trouxe a
tristeza junto.
(MAIS)

HANABI (CONT)

De tanto todos chorarem a vila
ficou inundada e virou lagoa.
Nossos antigos ainda estão aqui.

Vemos a Vila do Passado no fim da trilha, cerca de cem metros abaixo da entrada, onde a escadaria começa. Há uma lagoa enorme. Há casinhas de palafita, bambas, sobre a água da lagoa. Os aldeões, muito velhos, se movem devagar, sobre jangadas de madeira na água.

HANABI (CONT)

(fora de quadro)

Foi aqui que jogaram suas coisas,
Bonjongo. Tudo que ninguém mais
quer, joga na lagoa.

Bonjongo olha para cima. Vemos que onde há o Chão Furado no Segundo Patamar é exatamente em cima da lagoa onde é a Vila do Passado. Uma fina cachoeira cai lá de cima e chega na lagoa. Bonjongo reconhece, já olhou para aquela lagoa através do Chão Furado no Segundo Patamar.

70

INT. VILA DO PASSADO - LAGOA / DIA

Bonjongo e Hanabi estão em pé ao lado da lagoa. A população da Vila se move lentamente, eles evitam chegar perto dos dois.

Bonjongo repara que eles lembram muito Hanabi e os moradores da Vila do Presente.

A pintura de seus rostos e suas roupas estão desbotadas. As roupas são parecidas com as de Hanabi, porém velhas. Tudo lembra muito Hanabi. É como se Bonjongo estivesse dentro de uma memória. As pessoas são descoradas, como uma foto antiga.

Hanabi olha para o chão. Seu semblante é triste. Ela odeia estar ali. Ela não consegue olhar diretamente para nada além do chão.

Um ANCIÃO se aproxima deles em um barquinho. Hanabi não olha para ele, mantém o rosto virado para o chão. Bonjongo o recebe.

O Ancião estende um pote de vidro fechado com vagalumes dentro. Bonjongo aceita com educação. Ele olha confuso para o pote, sem saber o que fazer.

Hanabi rapidamente pega o pote das mãos de Bonjongo, sem esperar qualquer ação dele. Ela olha para o pote amargurada. Abre sua tampa. Respira fundo. Ela vira o pote em sua boca. Alguns vagalumes voam para dentro de Hanabi, ela os engole.

Entrega o pote para Bonjongo. Bonjongo recebe o pote e faz o mesmo com os vagalumes restantes.

Hanabi ainda está infeliz. De repente, seus olhos começam a emitir uma luz fluorescente. Sua pele também começa a brilhar. Ela olha para Bonjongo e vemos que ele está igual. Bonjongo analisa sua pele. O brilho que emitem é da mesma cor da luz dos vagalumes. Bonjongo está impressionado e animado.

Hanabi mergulha na lagoa. Bonjongo segue ela.

71 INT. CIDADE SUBMERSA / NOITE

Hanabi e Bonjongo nadam para as profundezas do lago. O brilho de seus corpos iluminam relativamente o lugar. É uma cidade submersa. Todos os detalhes estão lá. As casas, prédios, viadutos, praças. É uma metrópole quase perfeitamente preservada coberta por água.

Eles vasculham a cidade. Hanabi abre sua boca e um enorme fecho de luz sai de dentro dela. Conseguimos ver melhor o caminho.

72 INT. CIDADE SUBMERSA - EDIFÍCIO / NOITE

Eles entram em um edifício residencial por uma janela quebrada. Nadam até o poço do elevador, onde há um respiro com ar. Aproveitam para retomar o fôlego.

Eles se olham. Hanabi está envergonhada, tenta não olhar diretamente para Bonjongo.

Eles mergulham novamente. Saem pela janela que entraram.

73 INT. CIDADE SUBMERSA / NOITE

Hanabi e Bonjongo nadam pela lagoa procurando os objetos.

Hanabi está mais concentrada, é bem certa para onde olha e ilumina.

Bonjongo olha atentamente para a cidade. Ele está hipnotizado por ela. Parece que já se esqueceu de suas coisas.

Uma enorme árvore balança seus galhos pela água. Bonjongo passa por eles e usa a luz que sai de sua boca para iluminar melhor o caminho. Ele repara no tronco da árvore, se aproxima para olhar mais de perto.

Plano detalhe do tronco da árvore. Vemos talhado o desenho de irregular de uma PESSOA dentro do contorno de um CORAÇÃO malfeito, há uma seta que indica o escrito "JOANA" ao lado.

Bonjongo analisa a obra na madeira. Hanabi percebe que ele ficou para trás e retorna até ele.

Bonjongo com um olhar suplicante, aponta para o desenho e o escrito. Hanabi se aproxima para ler. Ela fica aparentemente abalada com aquilo, então, puxa Bonjongo em busca de outro lugar para recuperarem o fôlego.

74 INT. CIDADE SUBMERSA - TEATRO / NOITE

Hanabi e Bonjongo entram em um Teatro. A construção tem o pé direito alto, então, há um respiro com ar no lado de dentro. Eles recuperam o fôlego.

Bonjongo volta a mergulhar antes de Hanabi. Ao invés dele ir até a saída, Bonjongo explora o teatro. Com a luz que sai de sua boca, ele ilumina as paredes, o palco e os objetos que restaram. Hanabi, submersa na água, observa o interesse de Bonjongo de longe. Eles retornam ao respiro d'água.

Bonjongo olha empolgado para Hanabi. Ela sente sua energia, está começando a ser contaminada por ele. Ele puxa Hanabi pelo braço de volta para debaixo da água.

Bonjongo leva Hanabi até os vitrais coloridos do Teatro. Eles brincam com suas silhuetas, realçadas por luzes coloridas que refletem do vidro quando lançam a luz de suas bocas nos vitrais.

75 INT. CIDADE SUBMERSA / NOITE

Hanabi e Bonjongo nadam pelas ruas da cidade submersa procurando os objetos perdidos de Bonjongo.

Hanabi agora parece um pouco mais descontraída que anteriormente. Ela aponta para coisas frívolas compartilhando-as com Bonjongo.

Eles nadam tranquilos, num ritmo gostoso. Estão curtindo, como um passeio.

Bonjongo passa por um poste de iluminação pública. Ele olha atentamente para um papel colado ali.

Plano Ponto de vista de Bonjongo. O papel é um anúncio. Está escrito "PROCURA-SE SABÃO" e há a foto de um pequeno gato que olha indiferente diretamente para a câmera.

Bonjongo passa o dedo pela imagem do gato, como se tentasse carinhosamente acariciá-lo.

Hanabi surge desesperada por trás de Bonjongo. Ela puxa ele em direção à superfície.

Eles nadam rapidamente para cima. A luz que sai da pele de Hanabi começa a falhar. Segundos depois, a de Bonjongo também enfraquece.

Eles desviam de viadutos, de árvores e prédios. Nadam desesperados.

Por um instante, a luz de ambos se apagam juntas e a tela fica escura. Mas, a luz de Bonjongo retorna a acender iluminando o local.

A luz deles está fraca, ilumina pouco. Bonjongo tromba em uma construção. Hanabi o ajuda.

Hanabi e Bonjongo voltam até a superfície e respiram ofegantes. A luz de seus corpos enfraquece mais ainda, quase apagando.

O Ancião se aproxima deles com seu barquinho. Eles sobem no barco, ainda ofegantes.

SEQ 15 - BONJONGO DECIDE FICAR E HANABI PARTIR

76 INT. VILA DO PASSADO - LAGOA / NOITE

O Ancião rema lentamente em direção à uma plataforma com palafitas na água.

Hanabi se senta no meio do barco, está cansada.

Bonjongo está em pé, na proa do barquinho. Ele observa a Vila do Passado. Ele não parece cansado, e sim, empolgado. A pintura que Hanabi fez nele se desmanchou com a água.

Bonjongo percebe que sua pele ainda brilha um pouco, ele abre sua boca e, com a luz que de repente sai de dentro dela, ilumina a vila. Bonjongo, ainda na proa do barquinho, olha para os detalhes da Vila, muito interessado.

PELA VILA

Lentamente, alguns vagalumes surgem e voam pela vila, ela começa a ser iluminada por eles.

A luz que Bonjongo emite se esgota. Mas as luzes dos vagalumes flutuando pelo ar refletem na lagoa.

Os idosos se aninham no terraço de suas casinhas de madeira, um deles abraça carinhosamente a BONECA DE PANO, que Tupa atirou no lago.

Em uma plataforma, vemos a silhueta de pessoas que cozinham em grandes panelas de barro. Tudo em sintonia. Uma delas usa o robusto SINO de Bonjongo como recipiente para distribuir a comida.

A música de um ACORDEÃO se aproxima com uma grande jangada que passa pelo barquinho onde Bonjongo está. Há um festinha, onde idosos dançam animados. Bonjongo repara que um aldeão utiliza sua grande FACA como remo.

DE VOLTA PARA O BARQUINHO

Bonjongo vai até Hanabi, que está sentada no meio do barquinho. Hanabi solta algumas poucas faíscas de luz pela pele. Ele pega ela pela mão e a puxa para a proa do barco.

PELA VILA

Na plataforma onde acontece a festinha, os aldeões pegam os vagalumes que voam por eles e os comem.

Todos começam a brilhar aos poucos. A Vila fica ainda mais iluminada pela luz que sai de suas peles.

DE VOLTA PARA O BARQUINHO

Na proa, Hanabi olha para a Vila. Ela parece não acreditar no que está vendo, está muito impressionada. Bonjongo está ao lado dela.

BONJONGO
(com dificuldade e
sotaque)
Bonjongo... fica.

Hanabi paralisa por alguns segundos. É a primeira vez que ouve aquela voz de Bonjongo. Ele também solta faíscas de sua pele.

HANABI
Quem vai fazer o vento girar?

Bonjongo se vira surpreso.

BONJONGO
(sotaque)
Hanabi.

HANABI
(surpresa)
Eu? Mas e aqui? Como fica?

Hanabi, pela primeira vez, olha diretamente para a Vila.

Plano ponto de vista de Hanabi. A jangada onde acontece a festa atraca na plataforma em que outros aldeões cozinham. Todos desembarcam dançando. A música continua. Todos estão emitindo belas luzes.

Hanabi sorri.

HANABI (CONT)
Aqui vai sempre ficar. O caminho
não é só de ida.

Ela se vira e olha para o Ancião que rema o barco.

HANABI (CONT)
Se eu quiser, eu volto.

O Ancião sorri para ela.

77 INT. VILA DO PASSADO - PLATAFORMA / NOITE

O barquinho onde estão Hanabi, Bonjongo e o A ancião atracam na plataforma em que ocorre a festa. O ACORDEÃO ainda toca.

Eles descem do barquinho e entram na festa. A musica para imediatamente. Todos os aldeões se viram para olhar Hanabi e Bonjongo.

Primeiro Plano da reação de alguns aldeões, incomodados com a presença dos dois.

Hanabi sorri tranquila. Ela caminha lentamente até mais perto deles e faz uma grande reverência, de uma maneira respeitosa.

Três aldeãs se aproximam dela e recebem Hanabi com um grande abraço carinhoso. Hanabi se sente feliz. A música e a festa retornam, muito alegres.

Hanabi caminha de volta para Bonjongo. Ela passa seus dedos nas marcas que tem no rosto. Uma tinta espessa sai delas. Hanabi para em frente a Bonjongo.

HANABI

Gigantuar - a arte de se tornar gigante.

Com os dedos sujos por essa estranha tinta, Hanabi pinta novamente o rosto de Bonjongo.

HANABI (CONT)

Tem que deixar os pesos de lado para poder gigantuar em todas as direções.

Bonjongo vai até a beira da plataforma e olha para a lagoa. As águas estão iluminadas, elas refletem a imagem como um espelho.

Plano Ponto de Vista de Bonjongo. Vemos seu reflexo na água. Ele analisa a pintura do rosto.

Um vagalume passa por Bonjongo, ele come o bicho. Ele corre para dentro da festa. Os aldeões recebem ele de uma maneira afetuosa. Bonjongo começa a brilhar como todos os outros.

Em um plano geral, de longe, vemos a luzes das pessoas na festa. Elas iluminam a Vila do Passado. O lugar está muito bonito e animado. O ACORDEÃO continua tocando ao longe.

78 EXT. SOPÉ DA MONTANHA INVERTIDA /NOITE

Hanabi sai pelo buraco cavernoso que funciona como entrada da Vila do Passado.

Ela suspira muito contente e tranquila. Seu corpo, roupas e cabelos estão molhados e ela ainda solta faíscas de luz consequentes dos vagalumes que comeu.

Ela passa pela máscara de barro de Bonjongo que foi deixada ali. Ela olha de longe para o objeto. Vai até ele e o pega sorridente.

Tupa surge. Ele está nervoso. Seu rosto avermelhado denuncia que esteve chorando. Hanabi continua feliz mesmo quando o percebe.

TUPA
Você foi à Vila do Passado.

Hanabi continua olhando para ele. Sua expressão feliz e tranquila não muda.

TUPA (CONT)
Está molhada e reluz.

Hanabi, com o mesmo sorriso no rosto, permanece calada. Ela olha para a máscara de Bonjongo em suas mãos. Tupa se irrita.

TUPA (CONT)
Porque sorri tanto? Arg...

Tupa olha de uma forma dura para ela. Hanabi responde o olhar pacificamente. Ela estende a máscara de Bonjongo para Tupa, oferecendo-lhe.

Tupa fica abalado. Ele arregala os olhos. Olha fixamente para o objeto, e depois, para Hanabi.

De repente, um sol forte de PÁSSAROS surge distante. O bando de pássaros gigantes sai de dentro da Montanha Invertida, pelas diversas entradas dela.

Hanabi e Tupa olham para eles impressionados. Os pássaros voam para o alto em direção ao céu.

Tupa parece assustado, ele olha para Hanabi, que ainda está calma e feliz. Ela agita levemente a máscara de Bonjongo, insistindo para que Tupa a pegue.

TUPA (CONT)
Hanabi, tá tudo bem? Onde está o gigante?

Hanabi olha para a máscara. Passa seus dedos sob os detalhes dela. Ainda muito serena e feliz.

HANABI

Encontrou um lugar pra ele. Agora vou procurar um pra mim...

Hanabi volta a estender a máscara para Tupa. Ela lança um olhar carinhoso para ele.

Tupa está mais calmo. Ele aceita a máscara. Olha para o objeto de perto. Volta a olhar para Hanabi. Ele se sente melhor, relaxando seu corpo. Sua postura muda. Hanabi sorri.

HANABI (CONT)

Boa sorte em seus treinos Tupa. Vai dar certo.

Tupa abraça carinhosamente a máscara de Bonjongo. Depois, olha para os lados, perdido, sem saber para onde ir.

Tupa volta a ter sua expressão e postura rígida de sempre. Dessa vez, ele cumprimenta Hanabi com a cabeça, de uma forma respeitosa.

TUPA

Direi a todos que agora vive Lá.

Ele sai correndo aos saltos segurando a máscara carinhosamente junto ao peito. Hanabi permanece a mesma, amena.

Ela olha pela Vila. Então, pela primeira vez, ignora a Montanha e mira em direção ao céu, vê as estrelas brilhando.

79

EXT. VILA DO PRESENTE - TENDA DE QUINGU / NOITE

O céu está estrelado. Silêncio na vila. Todos dormem com exceção de Hanabi e Quingu. As duas estão em frente a uma fogueira ao lado da tenda de Quingu.

Hanabi está deitada com a cabeça apoiada nas coxas de Quingu, que está sentada de joelhos. Quingu mexe nos cabelos de Hanabi, fazendo pequenas tranças.

Elas conversam e dão risadas.

Quingu para de mexer nos cabelos de Hanabi.

QUINGU

Então, vamos?

HANABI
Para Lá?

QUINGU
Para o nosso outro Lá?

HANABI
Enfim gigantuar...

Quingu se levanta sorridente e caminha em direção à tenda.

QUINGU
Ficarei pronta!

Quingu entra em sua tenda.

Hanabi olha para o céu. Aos poucos começa a ficar sonolenta. Quase dorme outra vez.

Quingu retorna e fala com Hanabi fora de quadro. Vemos apenas a reação de Hanabi.

QUINGU (CONT)
(fora de quadro)
E aí? O que você acha?

Hanabi desperta atenta, ajeita a postura e gira o torso para olhar Quingu. Ela arregala os olhos e sorri com todos os dentes.

QUINGU (CONT)
(fora de quadro)
Partiremos hoje?
(pausa)
Amanhã?

Hanabi acena com a cabeça, empolgada.

CORTA PARA O PRETO

CRÉDITOS FINAIS